

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
BACHARELADO EM CIÊNCIA POLÍTICA

IVAN MACHADO VERAS JUNIOR

ANÁLISE COMPARATIVA DA COBERTURA MUDIÁTICA NACIONAL E  
INTERNACIONAL  
SOBRE O GOVERNO BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Teresina/PI

2021

IVAN MACHADO VERAS JUNIOR

ANÁLISE COMPARATIVA DA COBERTURA MIDIÁTICA NACIONAL E  
INTERNACIONAL  
SOBRE O GOVERNO BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de bacharelado em Ciência Política, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas

Teresina/PI  
2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processos Técnicos

V476a

Veras Junior, Ivan Machado.

Análise comparativa da cobertura midiática nacional e internacional sobre o Governo Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 / Ivan Machado Veras Junior. -- 2021.

62 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Bacharelado em Ciência Política, Teresina, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Vitor Eduardo Veras de Sandes Freitas.”

1. Comunicação na política – Reportagens – COVID-19.
2. Brasil - Política e governo - 2019-. I. Freitas, Vitor Eduardo Veras de Sandes. II. Título.

CDD 324.73

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

Análise Comparativa Da Cobertura Midiática Nacional E Internacional  
Sobre O Governo Bolsonaro Durante A Pandemia de COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de bacharelado em Ciência Política, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Ciência Política.

Teresina, 29 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Vítor Eduardo Veras de Sandes Freitas  
(Orientador) Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof. Dra Beatriz de Paula Silva Ribas  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

---

Prof. Joscimar Souza Silva  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

## AGRADECIMENTOS

Aqui seguem os agradecimentos, não necessariamente pela execução do TCC, mas pelos últimos cinco anos da minha vida e são tantos agradecimentos que eu poderia escrever mais folhas de gratidão do que do trabalho em si! Então, agradecer à Deus é mais do que necessário, por me guiar, orientar e fazer com que meu caminho até aqui tenha sido de bênçãos.

Agradecer meus familiares, principalmente, pelo apoio, paciência e ensinamentos no meu âmbito domiciliar. Agradecer meus “mininos” (meus PETs), que inocentemente cuidavam mais de mim do que deles. Agradecer meus amigos de universidade, a quem compartilhamos sonhos, vitórias, pesadelos, derrotas e jantares no R.U e na P.A, mas sempre juntos e lembrando que temos com quem contar em todos os momentos.

Agradecer aos professores da Ciência Política, essenciais para nossa formação e aprendizado. Agradecer aos professores dos outros departamentos da UFPI, pela excelência em suas aulas ministradas com tanta maestria. Agradecer aos colegas de estágio, por terem agregado tanta sabedoria naquilo que só a prática poderia me atribuir.

Agradecer meus amigos de escola, que compartilhamos juntos o sonho de ingressar em um curso superior, ainda que cada um na sua área. Agradecer aqueles que não estavam comigo na universidade e nem em casa, mas que eu sei que torciam e acreditavam em mim, seja de perto, seja de longe.

Também, agradecer até aqueles que me perguntavam “que curso tu faz?” ou “isso serve pra quê?” ou “da pra trabalhar em quê?”, porque a cada vez que eu respondia, eu tinha a certeza de que estava onde eu queria e sempre quis estar.

Não deixando de agradecer, por fim, aos momentos vividos, as palestras e minicursos assistidos, aos congressos vividos, as monitorias realizadas e todas as atividades complementares que vão muito além de preencher o histórico escolar e sim preenchendo o profissional que eu quero ser.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira as matérias jornalísticas nacionais e internacionais cobriram as principais notícias envolvendo direta ou indiretamente o Governo Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 (incluindo como período de análise: março de 2020 a outubro de 2021), comparando e identificando os principais pontos de divergência, partindo da hipótese de que a mídia nacional, ainda que em tom negativo ao governo, moderou suas críticas mais do que a mídia internacional. A metodologia desta pesquisa será através da análise qualitativa das reportagens coletadas nos portais de notícias, incluindo títulos, imagens e o corpo da notícia em combinação com a literatura sobre mídia e sua influência na política.

**Palavras-chave:** Reportagens; nacionais; internacionais; Bolsonaro; COVID-19

## ABSTRACT

This article seeks to analyze how national and international journalistic stories reported the main news involving, directly or indirectly, the Bolsonaro Government during the COVID-19 pandemic (including the period of analysis from March 2020 to October 2021), comparing and identifying the main points of divergence, considering the hypothesis that the national media, although in the negative sense of the government, moderated its criticisms more than the international media. The methodology of this research will be through the qualitative analysis of the reports collected in news portals, including titles, images and texts, associating with the literature that talks about media and politics.

**Key-words:** News; national; international; Bolsonaro; COVID-19

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Bolsonaro em pronunciamento oficial em transmissão televisionada.....	24
FIGURA 2 – Bolsonaro em evento oficial.....	24
FIGURA 3 – Bolsonaro em entrevista anunciando que contraiu coronavírus.....	28
FIGURA 4 – Bolsonaro em entrevista anunciando que contraiu coronavírus.....	29
FIGURA 5 – Bolsonaro sorridente enquanto segura uma criança.....	34
FIGURA 6 – Bolsonaro após votação com apoiadores e um manifestante antifascista contrário ao presidente.....	35
FIGURA 7 – Manifestação contrária a Bolsonaro.....	44
FIGURA 8 – Manifestantes chutando uma cabeça de papelão em representação ao presidente Bolsonaro.....	45
FIGURA 9 – Manifestação a favor de Bolsonaro.....	52
FIGURA 10 – Manifestante bolsonarista fazendo alusão à armas.....	53



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	11
3. O ESTUDO SOBRE MÍDIA E POLÍTICA NA CIÊNCIA POLÍTICA.....	12
3.1 MÍDIA NO CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO.....	15
3.2 A INTERFERÊNCIA DIRETA DA MÍDIA NO CENÁRIO POLÍTICO.....	16
3.3 A RELAÇÃO MÍDIA E POLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL E DOS PROCESSOS ELEITORAIS.....	19
3.4 O DISCURSO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	21
4. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6. REFERÊNCIAS.....	57

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a relação entre mídia e política são cada vez mais frequentes na Ciência Política, perpassando por todas as fases e avanços tecnológicos pelos quais os meios de comunicação vem avançando. Prova disso, é que se tem estudado sobre a influência desde as campanhas políticas pelo rádio, depois pela televisão e mais recentemente pela internet, sobretudo redes sociais. Neste trabalho, a intenção é identificar como os jornais trataram sobre o Governo Bolsonaro durante a pandemia, comparando a cobertura nacional com a internacional, entendendo que através da mídia existe uma grande influência na constituição do pensamento mais generalizado sociedade e que cada jornal tende a expor seus acentos valorativos em seus discursos.

O trabalho jornalístico ocorre pelos métodos de coleta e concentração de informações, quando há maior volume destas para após serem selecionadas e ranqueadas conforme o impacto que vai ser gerado, para depois serem convertidas de maneira mais acessível ao grande povo e distribuídas de diversas maneiras. As reportagens vão ser escolhidas conforme o momento que demonstrar necessidade de conhecimento dos demais, mesmo que futuramente não gere muito interesse e com as notícias de grande importância que tendem a influenciar no futuro da sociedade.

Desta maneira, não há como passar despercebido que a mídia é um dos elementos que formam a agenda pública, ao colocarem em evidência questões capazes de mobilizarem a opinião pública e que atinjam os tomadores de decisão, os políticos e funcionários do governo. Com isso, grandes partidos, movimentos sociais e líderes entram em disputa para ganhar a atenção e o importante destaque da mídia para a formulação de suas respectivas imagens.

Apesar de no Brasil a mídia eletrônica, como a televisão e a rádio, ter impacto na vida social, o acesso aos novos meios, pela internet, ainda é de distribuição desigual e varia conforme a classe social, renda, escolaridade, região e faixa etária do indivíduo. De qualquer forma, é através da divulgação da mídia que se tem acesso ao histórico de um candidato, a plataforma de programas políticos e a vida pessoal deste. E pesquisas demonstram que quanto maior a propaganda na televisão, maior a possibilidade da maior proporção dos votos, ainda que este não seja o único ou principal fator decisório<sup>1</sup>. É claro

---

<sup>1</sup> <http://www.cepesp.io/voto-a-voto-%EF%BB%BFo-tempo-de-campanha-de-tv-ainda-importa/>

que existem outros determinantes, como o engajamento dos partidos, os discursos dos candidatos e a posição social que ele se encontra. Mas foi a partir de 2013 que houve uma explosão do uso da internet como ferramenta de informação da vida política no Brasil.

Este trabalho considera a relevância do impacto da mídia na sociedade, dada a dependência que os cidadãos têm em utilizarem os meios midiáticos como intermediários para a obtenção de informações e conseqüentemente poderem formularem suas respectivas opiniões. Portanto, é necessário entender como a mídia repassa os acontecimentos sabendo o impacto de sua influência no comportamento social.

## **2. METODOLOGIA**

O conteúdo pra análise comparativa proposta nesse trabalho é oriundo de 120 reportagens on-line de portais de notícias nacionais e internacionais, sendo 60 delas obtidas pelos noticiários nacionais: O Globo, Estadão e Folha de São Paulo e as demais 60 através de portais internacionais em inglês e espanhol, que são eles: El país, La Tercera, La Nación, Clarín, New York Times, The Guardian, The Washington Post, CNN, Economic Times, India Today, Financial Times, ABC Internacional, Associated Press, Reuters, Bloomberg e BBC.

As escolhas dos noticiários de circulação nacional, pelo autor, foram decididas por conveniência, considerando que os três portais de notícias citados são um dos maiores de circulação nacional, com milhões de leitores mensalmente. Enquanto os sites internacionais foram escolhidos conforme a disponibilização das matérias em consonância com a temática dos jornais nacionais.

Para escolha dos temas, foi considerado, inicialmente uma pesquisa no Google seguindo o padrão de busca: “Bolsonaro pandemia mídia internacional mês referente ano referente”, por exemplo: “Bolsonaro pandemia mídia internacional março 2020”. Após analisar a temática das notícias com maior destaque, foram escolhidos três jornais internacionais sobre o mesmo assunto e em seguida realizada uma busca nos três jornais nacionais, através dos mecanismos de busca dos próprios portais de notícias com palavras-chave sobre o tema além do filtro de data para que houvesse a maior proximidade temporal entre as reportagens.

Foram analisados os títulos, corpo do texto e as fotos anexadas de reportagens<sup>2</sup> a partir de março de 2020 até outubro de 2021. Considerando o período mais próximo de início da pandemia até o período mais recente da elaboração do trabalho. Outrossim, na análise de conteúdo serão apresentados em ordem cronológica, da seguinte forma: março de 2020, abril de 2020, maio de 2020 até outubro de 2021. O critério de escolha das notícias foram os assuntos de maior destaque na mídia internacional no período de pandemia de Sars-CoV-2 e que conseqüentemente possuíam notas nos três portais nacionais escolhidos para este trabalho.

### **3. O ESTUDO SOBRE MÍDIA E POLÍTICA NA CIÊNCIA POLÍTICA**

Nas pesquisas acadêmicas, o conceito de mídia que vem sendo utilizado, principalmente na década de 1990, é no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, meios de comunicação ou jornalismo. Boa parte dessa influência veio do ponto de virada que foi a eleição do ex-presidente Collor em 1989, quando a importância da comunicação em massa foi reconhecida no processo político brasileiro. No Brasil, os principais estudos que dissertam sobre a mídia tratam sobre comportamento eleitoral, discursos políticos mediados, ética e política, reconfiguração do espaço público e sociabilidade contemporânea (GUAZINA, 2007).

Nas pesquisas norte americanas, o conceito de mídia estava mais associado ao termo “mass media” e aos estudos sobre voto, comportamento eleitoral, propaganda e opinião pública, em decorrência dos períodos de guerra entre os anos 20 e 40. Mais tarde, na década de 50, com a até então nova tecnologia que era a televisão, o foco das pesquisas voltou-se para ela e aos estudos sobre a comunicação e os efeitos no comportamento humano, pois através da TV que se notava uma forte influência em orientar os telespectadores para a imagem dos líderes políticos, sociais ou indivíduos com presença na esfera cultural (GUAZINA, 2007).

Por um bom tempo, as pesquisas partiam da tradição de que os efeitos das mensagens que eram transmitidas nos meios de comunicação eram apenas comportamentais, limitados e de curto prazo. Logo, com o aprofundamento dos estudos

---

<sup>2</sup> Algumas reportagens divulgavam uma série de imagens sequenciais em seu texto, como uma galeria de fotos. Para tanto, foram analisadas apenas aquelas que constavam na capa da galeria, isto é, aquelas que apareciam durante a leitura do texto, sem a necessidade de qualquer comando externo para visualização de outra imagem posterior.

sobre a importância da mídia, evidenciaram que os meios de comunicação não são singelos canais de transmissão, mas poderosos construtores de conhecimento, capazes de endereçar temas públicos e opiniões sobre o mundo e a política (GUAZINA, 2007).

Na perspectiva mais contemporânea, a mídia assume uma posição como um conjunto de meios, constituído por grandes empresas e rotinas próprias na sociedade capitalista, que são titulares de suas próprias linguagens, formatos, estratégias, viabilizando novos atores e imagens sociais, políticas e culturais (GUAZINA, 2007).

Dentre as críticas notadas, o fato de o termo mídia ainda ser utilizado dentro do senso comum, como um “termo ônibus”, sem a delimitação das possibilidades que estão ao seu alcance são pontuados. O notório tangeciamento ao traçar as pesquisas a temas como opinião pública, comportamento eleitoral, escolhas políticas e cultura política também são narrativas criticadas pela autora (GUAZINA, 2007).

Para fins gerais, Guazina (2007) refere-se aos estudos sobre política, para maioria dos cientistas políticos, como o estudo de categorias tradicionais, como Estado, governo e partidos e, mais recentemente, movimentos sociais, terceiro setor e gênero. Enquanto ainda existem os estudos sobre mídia que se baseiam num conceito múltiplo, muito ligado ainda a mídia como um simples instrumento que não é capaz de compreender as complexas ligações com as demais instituições no mundo contemporâneo (GUAZINA, 2007).

A importância que a mídia transpõe nos processos políticos-eleitorais retornam ao foco, principalmente, após o fim do período de autoritarismo no Brasil, isto é, após o fim do regime militar. Para tanto, é necessário captar os termos que serão utilizados neste trabalho e buscar, através da literatura, ressignificá-los. Cabe, a princípio, lembrar as principais teses sobre a mídia em relação a política, entendendo que mídia está diretamente ligada a indústria da cultura, conseqüentemente, aos meios de comunicação de massa como as emissoras de rádio, televisão, jornais, revistas, cinemas etc implicando na necessidade de um aparato tecnológico como intermediário até chegar no grande público. (LIMA, 2009) E, ainda nesse enquadramento, que “Política” refere-se ao exercício de poder numa relação de soberania e obediência, que dentro do contexto das democracias, constitui nas atividades públicas sobre coisas públicas, ou seja, nas atividades visíveis a população sobre aquilo que pertence ao Estado. (LIMA, 2009)

Assim, as principais teses, que não necessariamente são excludentes, discorrem sobre a posição de centralidade que a mídia ocupa nas sociedades atuais interferindo em processos sociais e nas esferas humanas, como a política e dessa forma desenvolvendo

mecanismos que permitem sua construção. Assim como, tratam da política nacional como necessariamente ligada a mídia, pois através dela é possível torná-la pública. Ou, relembram as funções da mídia, como agendamento, fiscalização, atendimento de demandas, informações etc. que são, tradicionalmente, de partidos políticos, enfraquecendo-os. (LIMA, 2009) Ademais, ainda que não aplicável a grande maioria das eleições municipais, mas consideram que a mídia foi e ainda é responsável pela alteração radical das campanhas eleitorais, sobretudo as presidenciais. Num outro ponto, afirmam que a mídia já deve ser tida como um ator político com capacidade de interferência direta nos processos. Não obstante, ponderam como as características históricas da mídia, no Brasil, potencializam seu poder, desde a regulação dos meios ao aparato legal favorável aos grandes empresários, figuras políticas e a possibilidades de monopólios. Por fim, analisam as características específicas da população brasileira que permitiu potencializar, dentro do processo político e eleitoral, o poder da mídia (LIMA, 2009).

Sobre os estudos empíricos que estão diretamente ligados a essa relação mídia e político, existem cinco grupos teóricos que perpassam por tais estudos. A primeira teoria, chamada de hipodérmica, está ligada a propaganda e entende que existe um receptor que é passivo e está vulnerável a receber mensagens que já são emitidas com específicos objetivos, que numa maneira ideal, mas utópica, as mensagens chegam de maneira uniforme a todos os espectadores (BRITO, 2011). A segunda teoria, denominada de sociológica, está ligada a capacidade de influência que os atores políticos são capazes de provocar na opinião pública considerando o contexto social em que estão inseridos, já que as dinâmicas sociais são relacionadas aos processos comunicativos. A terceira teoria, a psicológica, se baseia nos preceitos da Escola de Michigan e analisa o comportamento eleitoral dentre as disposições individuais dos eleitores. Em outras palavras, as decisões dos eleitores estão associadas as suas atitudes, percepções e crenças, sem que haja interferência das campanhas e meios de comunicação, haja vista que a maioria decide seu voto conforme sua identificação partidária (BRITO, 2011).

A quarta teoria é denominada de “teoria dos efeitos cognitivos” e está associada ao marketing político. É considerada num contexto em que os partidos não possuem muita influência e, conseqüentemente, o eleitorado não possui grandes influências a não ser os meios de comunicação que concentram o poder de decisão, são capazes de modificar a imagem do que eles consideram importante e que vá interessar o público, bem como, filtrar, estruturar e realçar o que julgam necessário. Dessa maneira, o candidato é como um produto ao eleitor, que por sua vez, torna-se um consumidor da informação, que seria

mercadoria política. É a partir desta teoria, que esse trabalho entende a importância de discernir as diferentes coberturas jornalísticas nos âmbitos nacionais e internacionais. Por fim, a quinta e última teoria é a do Espiral do Silêncio, que entende que os cidadãos com opiniões minoritárias, que não são pautas nos grandes meios midiáticos, tendem a não se manifestar publicamente com receio de reações negativas (BRITO, 2011).

### 3.1 MÍDIA NO CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO

A relação entre mídia e política é objeto de estudo para vários pesquisadores nas Ciências Sociais. Nesse contexto, a análise nesse tópico se baseia na forma como os meios de comunicação são mecanismos de influência para a escolha do voto pelo eleitorado, considerando países diversos com seus respectivos sistemas eleitorais e contextos sociais, de modo que, as expectativas sobre a posição do eleitorado consideram a opinião pública, os candidatos e o “comportamento” político anterior, isto é, qual o posicionamento do eleitor anteriormente e a mídia atua como intermediadora dessas informações (COHEN; TSFATI, 2009).

Os meios de comunicação de massa são, atualmente, os responsáveis por intermediar o discurso de políticos com o público em geral e principalmente com seus eleitores, dessa forma se cria um ambiente de informação maleável para as disputas políticas, apesar de os veículos de informação, constantemente, se apresentarem como neutros diante dos fatos. É também perceptível que a sociedade civil depende dos sistemas que coletam as informações para que esteja atualizada dos acontecimentos a tempo real, a essa condição denomina-se “dependência cognitiva” (MIGUEL,2015).

A grande mídia é responsabilizada por disseminar os fatos, construir julgamentos, atribuir valores e estar disposta a ter várias interpretações através de diversos meios de comunicação como as emissoras de televisão e rádio, as indústrias de livros, cinema e música e mais recente pela internet com sites e blogs, além das populares redes sociais. (MIGUEL,2015).

Mesmo dentro de tamanho contato entre emissor e receptor, entende-se que há um grande monopólio da fala por parte da mídia, já que esta dissemina as informações, mas não está a margem de ser consertada a tempo do compartilhamento da notícia, mesmo que se permitam comentários por parte dos leitores, muito embora se destaque a palavra “permissão”, pois existe ainda uma subordinação do receptor para sua participação direta. (MIGUEL,2015).

A tendência mundial vai na mesma linha, a de concentração da propriedade da mídia, em que grandes conglomerados são responsáveis pelo conteúdo de notícias, diminuindo a concorrência e aumentando o controle por famílias ou empresas. Apesar de a legislação brasileira proibir mais de cinco emissoras de televisão aberta nas mãos de um mesmo proprietário, a afiliação é um mecanismo que dribla a lei e permite que um canal de televisão de destaque nacional possa controlar canais de televisão dentro do país, por exemplo. Além de ser também um meio de barganha de políticos e empresários através da concessão desses canais de televisão, sobretudo entre os deputados estaduais e federais. (MIGUEL,2015).

As mídias tendem a evoluir conforme o avanço da tecnologia e as campanhas políticas se adaptam de acordo com as mudanças da forma de acesso do eleitor as informações, assim foi com o rádio, depois com a televisão e mais recente com as redes sociais. Independente da plataforma, os efeitos são sempre relacionados ao interesse ou desinteresse do eleitor, a obtenção de conhecimento, a probabilidade de participação e envolvimento no jogo político, assim, a cada eleição são necessárias novas estratégias pensadas a partir do contexto específico do distrito eleitoral, portanto, na medida em que essas mídias integram o processo eleitoral os seus efeitos são mais perceptíveis. E ainda que a mídia tradicional exponha em massa as informações de maneira cautelosa, ou seja, o conteúdo é repassado conforme o interesse do expoente, as novas mídias têm se demonstrado como fontes que permitem que o eleitor crie um perfil de consumo das informações adequado aos seus gostos e ideologias pessoais. (OWEN, 2018)

### **3.2 A INTERFERÊNCIA DIRETA DA MÍDIA NO CENÁRIO POLÍTICO**

A relação entre mídia e política é dividida em três fases, conforme Owen apresenta, a primeira retrata as mídias tradicionais quando os candidatos buscavam um alcançar um novo eleitorado por meio de apelos pessoais nos meios de comunicação que eles já frequentavam. A segunda fase reflete as novas mídias, em que os sites começam a incorporar a propaganda política permitindo que os eleitores participem diretamente da campanha através de fóruns de debates, doações ou voluntariado, é também quando blogs independentes de conteúdo eleitoral se fortaleceram como novas fontes. A última fase destaca o aperfeiçoamento desses sites com introdução de plataformas de multimídias e a possibilidade de se construir propagandas específicas direcionadas para cada eleitor conforme seu histórico de acesso, que identifica suas preferências. Em termos gerais, as



informações e as mensagens que são divulgadas pelas plataformas midiáticas fomentam a agenda de campanha e essas mídias tornam-se palanques do discurso político. (OWEN, 2018)

Partindo da perspectiva do eleitor, existe aquele que tende a ser fiel as propostas de seu candidato ou partido predileto, assim, o voto dele sempre será exclusivo para estes, muito embora exista também o eleitor que decide seu voto na tentativa de evitar que ele seja de certa forma, “desperdiçado”, para isso ele utiliza dos recursos disponíveis através dos meios de comunicação para traçar estratégias nas quais irá favorecê-lo a votar no candidato com maior viabilidade, nesse caso, cabe ao votante conhecer o sistema eleitoral vigente do seu distrito eleitoral e as probabilidades de vitória que os candidatos possuem. (COHEN; TSFATI, 2009).

Entanto, para que seja influenciado em suas decisões, é necessário que tal cidadão seja conhecedor do resultado esperado a partir da manifestação da opinião pública, de como os outros irão votar e como se comportam, seja para que ele não repita as mesmas ações ou para seguir a tendência geral, levando em consideração aspectos como a clausula de barreira e a formação de coalizão. Em outras palavras, um eleitor ao escolher seu candidato precisa saber se as possibilidades de vitória são grandes, caso não seja, a melhor estratégia é optar por aquele político que esteja mais a frente na corrida eleitoral e que seja mais próximo dos seus pensamentos ou ideologias. . (COHEN; TSFATI, 2009).

Ademais, o crescimento no número de eleitores que já acessam a internet tem se demonstrado um desafio para os candidatos no controle dos seus conteúdos, logo, o tipo de mídia utilizada para campanha vai depender do perfil do candidato e do perfil de eleitorado que ele pretende conquistar, considerando que pesquisas indicam que as pessoas mais velhas utilizam das fontes tradicionais ao passo que os mais jovens utilizam os smartphones, da mesma forma que os novos eleitores que já ingressam na participação política com a presença das novas mídias tendem a ignorar os meios mais tradicionais. Tais características não impedem uma mídia híbrida, que seria a convergência da mídia digital com a tradicional tornando as diferenças entre elas mais branda. (OWEN, 2018)

Mas a problemática está na dupla causalidade entre não se saber, exatamente, se a mídia está refletindo aquilo que a opinião pública quer que ela dissemine ou se a opinião é influenciada pelo que a mídia repassa (GROLLA; NISHIJIMA, 2019). Em tese, estaria no meio termo entre as duas questões.

De fato, a competição altera de acordo com o destaque que um candidato tem na mídia, seja o tempo de televisão ou número de reportagens disponibilizadas, seria a

prevalência dos Incumbentes, aqueles que já estão no jogo político desde antes, e os Challengers, aqueles que estão entrando no meio pela primeira vez. Logo, os mais antigos, por estar a mais tempo e terem mais história, ganham vantagem por ganharem mais tempo e mais atenção da mídia desde que não condizem com matérias de cunho denunciativo. (GROLLA; NISHIJIMA, 2019).

No Brasil, as mídias tradicionais são reflexos das posturas das elites dominantes, representadas pelos principais jornais: O Globo, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, como consequência, o conteúdo ofertado serve os próprios interesses dessa elite, reforçando o poder que esses grupos possuem. No país, a imprensa passou por um longo período de censura no regime militar (1964-85) e após a redemocratização, os jornais adotaram um perfil mais tradicional com uma característica política de definição da agenda política e alteração no resultado eleitoral. (HERSCOVITZ, 2019)

De uma certa forma, um país que possui uma imprensa consolidada e livre é resultado de um regime democrático estável apesar de que no Brasil, o atual presidente da república possui um histórico de ataque às mídias tradicionais e um engajamento nas redes sociais, estas por sua vez se demonstram como um ambiente de polarização política intensa e uma das principais fontes de informação do brasileiro. Porém, o ponto principal que circunda a literatura decorre da propriedade da mídia (que pode distorcer uma matéria jornalística que idealmente seria mais objetiva, mas assume um perfil mais distorcido por conta do caráter privado) e das ideologias das plataformas de imprensa que alteram ou mantêm o status quo em conformidade com o interesse da elite que possui o poder. Da mesma maneira que existem alianças temporárias com partidos políticos e empresários que mobilizam os conteúdos através de metas pessoais, partidárias e comerciais, e essa interferência desses grupos frequentemente não é tão perceptível por serem negócios “a porta fechada” e só notáveis na seleção e enquadramento das notícias que mantêm uma lógica de organização interna. (HERSCOVITZ, 2019)

Muito embora, a estrutura partidária no Brasil seja fraca, fluida e frequentemente guiada por personalidades ao invés de princípios, o que decorre para uma mídia que adota posições políticas explícitas e não tão focadas na agenda de partidos e sim de políticos individuais ou servidores do governo e tal característica é propensa a se fortalecer quando os proprietários dos meios de comunicação desenvolvem conexões pessoais ao invés de conexões formais com as elites políticas. Esse alinhamento varia durante a história devido aos interesses, subsídios governamentais, publicidade e pressões diretas e até mesmo a censura. (HERSCOVITZ, 2019)

### 3.3 A RELAÇÃO MÍDIA E POLÍTICA SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL E DOS PROCESSOS ELEITORAIS

A Psicologia Social, mais recentemente, tem aprofundado os estudos nas relações sociais que são impactadas diretamente pelas mídias e a maneira como os meios de comunicação são capazes de intervir na construção dos sujeitos. Não por acaso, a relação entre mídia e política assume um papel central nesses estudos. (CARVALHO; LIMA, 2020)

Sabe-se que grandes jornais buscam demonstrar-se mais flexíveis a diferentes opiniões, abrindo-se a posições divergentes e tolerando linhas editoriais distantes do posicionamento principal que eles defendem, para que assim consigam atingir um número maior e diversificado de leitores. Mas ainda assim, os meios de comunicação de grande circulação são capazes de viabilizar com mais facilidade as versões dos fatos conforme suas linhas de pensamento através de seus mecanismos de controle. (CARVALHO; LIMA, 2020)

Dessa maneira, conforme as mídias promovem essa expansão da compreensão de narrativas mais elitizadas para os meios de maior alcance como o cenário nacional e até global, há também a possibilidade de novos meios para manutenção de recursos de dominação. Ou seja, por exemplo, jornais disponibilizam falas, vozes, posicionamentos e ideologias nos cotidianos locais e nacionais que consequentemente normalizam formas históricas do autoritarismo na sociedade brasileira. Ademais, sob as prerrogativas da indústria cultural e do conceito de espetacularização da vida, a mídia tende a produzir e circular repertórios de legitimação, justificação e de base para a manutenção do *status quo* de sociedades capitalistas. (CARVALHO; LIMA, 2020)

Em tese, os meios de comunicação em seus processos organizacionais, como produção, circulação e interpretação integram ligações socioculturais e históricas, enraizando-se em estruturas materiais, sociais e culturais específicas, de modo que, abrem margem para narrativas com interpretações e intencionalidades próprias com presença nacional. E, através de seus discursos e textos, são capazes de alterar valores e crenças, idealizando conhecimentos e procedimentos novos na sociedade e fortalecendo os que já existem. Em síntese, a mídia que a cada momento é mais notória como uma instituição de grande peso político tem sido interpretada como o “quarto poder”, assim, o setor de comunicação é evidenciado pela sua capacidade de intervir junto dos demais três poderes

(executivo, legislativo e judiciário) dentro de um regime democrático. (CARVALHO; LIMA, 2020)

Dentro do contexto em que os jornais são veículos que transmitem diversas vozes com diversas intenções de diversos lugares, ele também é um ator social com suas próprias versões e intenções dos fatos, facilmente notável pelas linhas de pensamentos assumidas em posicionamentos, principalmente de editoriais. Para tanto, a televisão assume o local de espaço público, manipulando elementos simbólicos e determinando ideologias e significados de modo sedutor para o telespectador, este, por sua vez, consome e se conforma com aquilo que lhe é orientado pelo mais dominante, no caso, a mídia. (CARVALHO; LIMA, 2020)

Já com ênfase nos processos eleitorais, não se pode pensar na esfera política sem pensar na influência e interferência da mídia, pois os meios de comunicação estão ligados à memória semântica do indivíduo, agregando significados num mundo mais complexo e dessa forma não sobrecarrega intelectualmente aquele que consome as informações com excesso de comprovação e evidências. Em outras palavras, as mensagens são entendidas com mais facilidade pelo espectador quando a mídia é uma intermediária que colhe os fatos, apresenta sua essência carregando com si a credibilidade, num processo chamado de “estatuto visual da verdade” e sobre a dramatização e novelização nas divulgações das notícias. Ou seja, são fatos transformados em algo mais tragável para aqueles que consomem. (BARTH, 2007)

Isto posto, ainda se entende que grupos sociais e instituições distorcem o processo democrático por meio de atalhos ou referenciais políticos. Para tanto, a mídia utiliza do “enquadramento” como uma tentativa de construir situações conforme seus princípios defendidos envolvendo subjetivamente os eleitores/cidadãos/indivíduos. Dessa maneira, buscam incorporar as mensagens por meio da repetição, entendendo-se que a insistência pode vir a garantir o respaldo do receptor e também generalizando, abrindo margem para um maior alcance de público e de possibilidades de explicação para o enquadramento das informações. (BARTH, 2007)

Alguns teóricos já partem do princípio de que o discurso político já não está mais incluso num local privilegiado de enunciação, pois a construção desse discurso abrange os partidos, governo, legislativo e principalmente os meios de comunicação. Para isto, cria-se um cenário de representação, que seria um espaço determinado de representação política nas democracias representativas construídos a partir de uma articulação midiática a longo prazo. Assim, raramente algum candidato consegue vencer uma eleição se não

buscar adaptar sua imagem pública ao cenário dominante ou ele próprio ser capaz de construir um cenário de representação eficaz. (BARTH, 2007)

Por fim, considerando o poder de agenda dos meios de comunicação, isto é, a capacidade em determinar a quem e a que temas o público deve se atentar conforme os interesses coletivos, o efeito de manobra de massa da mídia vai além da persuasão dos seus espectadores, pois ela já é capaz de alterar a percepção da realidade pela sua audiência, ainda que de maneira imperceptível e indireta. (BARTH, 2007)

### 3.4 O DISCURSO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

No que tange a cobertura política desde 1994, os principais jornais destacavam o sucesso econômico de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), enquanto ministro da Fazenda, a disputa política a partir de uma perspectiva mais personalista e constantes ataques ao até então candidato à presidência Lula devido a sua formação educacional e o discurso mais radical do Partido dos Trabalhadores (PT). Após oito anos de Governo FHC, nas eleições de 2002, o presidente passava por exigências que demandavam coerência, austeridade e responsabilidade do governo e dos partidos políticos, foi também nesse período que cobravam de Lula atitudes menos “agressivas” o que corroborou para alianças pelo petista com partidos conservadores, pequenos partidos mais a esquerda e com outros candidatos presidenciais, levando-o a vitória pela sua posição mais centrista, amplamente destacada pelos meios midiáticos. Mais a frente, escândalos de corrupção envolvendo o PT e outros partidos se tornaram a principal pauta dos jornais. Apesar de uma economia estável na época que tranquilizaram eleitores e investidores, a imagem de Lula e seu partido foi se desgastando ao decorrer do tempo, mesmo tendo terminado seu governo com altíssima aprovação. (HERSCOVITZ, 2019)

Na campanha da presidenta Dilma Rouseff (PT), os jornais partiram para uma cobertura mais negativa, principalmente após comentários de ataque pelo ex-presidente Lula que deu endosso para a mídia utilizar de um discurso em forma de autodefesa. A pauta principal continuava sendo a corrupção, ganhando mais estrutura com a operação lava-jato, apesar de que outros partidos, ainda que envolvidos nos escândalos, não eram massivamente atacados como o partido da presidenta da época. Foi nesse período também que se intensificou o *antipetismo*, eleitores que se declaravam contra o PT, bem como, uma cobertura em tom crítico que desaprovava o comportamento de Dilma nas negociações com o congresso e com as elites industriais, como consequência, desde o

início de seu segundo mandato em 2014, a remoção da presidenta foi assunto ainda que não estivesse acontecido oficialmente. Na campanha de 2018, a mídia evidenciava um discurso vago contra a corrupção, crises econômicas e violência doméstica pelo candidato Jair Bolsonaro (PSL), que apresentava um estilo pessoal volátil e agressivo, por outro lado, a posição de coadjuvante de Fernando Haddad (PT) em relação a Lula, já que este foi impedido judicialmente de se candidatar. (HERSCOVITZ, 2019)

Paralelamente, jornais internacionais passaram a cobrir as eleições de 2018 com um candidato (Jair Bolsonaro) que prejudicava o funcionamento da democracia além de proferir discursos extremistas de desrespeito as instituições, conservador com tons machistas, homofóbicos e racistas bem como uma forte tendência ao populismo principalmente na dualidade “nós” e “eles” com uma temática *anti-establishment*, ao contrário do seu principal candidato opositor (Fernando Haddad) que recebia maior apoio da mídia internacional sendo visto como o contrário de Bolsonaro e a única possibilidade do brasileiro em manter um Estado com maior estabilidade, contrariando a cobertura nacional que idealizava os dois candidatos opositores como sendo “o mesmo lado da moeda”. (ARAÚJO; PRIOR, 2020)

Fetter (2021), em sua análise sobre a cobertura midiática sobre o discurso anticientífico atrelada ao presidente Jair Bolsonaro, durante a pandemia de COVID-19, afirma que a mídia expõe tais discussões para um público que não é necessariamente especialista ou profissional na área e, conseqüentemente, há uma tendência em realçarem os conflitos no lugar dos consensos. Além disso, em seu trabalho, a autora se baseia no “Círculo de Bakhtin” como mecanismo para análises do discurso, partindo do pressuposto de que os discursos são dialógicos e dessa maneira possuem valores e posicionamentos ideológicos, renunciando à neutralidade. Além de que cada locutor faz suas escolhas discursivas através dos valores sociais pertencentes aos grupos sociais que ele integra. (FETTER, 2020)

Ainda no que tange a análise do discurso, o que se entende sobre a complexidade para se criar uma notícia está ligada diretamente ao notório engajamento ideológico da imprensa, saindo da falsa impressão de que as notícias têm como principal objetivo investigar a legitimidade dos eventos que ali narram. A se observar, por exemplo, as escolhas lexicais nos noticiários que expõe as posições ideológicas e políticas nos pequenos detalhes. Apesar disso, os jornais buscam demonstrar uma suposta imparcialidade para o leitor ou telespectador em diversos elementos discursivos,

procurando não transparecer os processos de produção do discurso jornalístico já carregado de diversos mecanismos de controle. (BOLOGNINI; MEGID, 2007)

Por fim, partindo de uma lógica de acessos pelas novas mídias, pesquisas mostram um cenário virtual com conteúdos profissionais e também conteúdos emocionalmente polarizados, notícias tendenciosas com estruturas similares, mas não idênticas com as notícias profissionais. Além de um discurso político partidário com assunto dominado por Jair Bolsonaro, maior engajamento pelos usuários que apoiavam o PT, a dominância dos brasileiros na internet como um todo e maior encaminhamento de notícias tendenciosas pelos apoiadores de Bolsonaro. Entre os conteúdos acessados pelos internautas, estão fontes profissionais, políticas, blogs, perfis pessoais e notícias falsas. (MACHADO; KIRA; HIRSCH; ET AL, 2018)

#### 4. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS

Em março de 2020, o tema em destaque foi sobre as primeiras reações com as estratégias adotadas pelo Governo Federal no combate à pandemia. Os noticiários nacionais abordaram sobre o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro, o conflito com governadores, imprensa e legislativo, a reação popular em relação a tais medidas, além da divulgação sobre o tratamento precoce com cloroquina, apoio de aliados do presidente e sua forte presença em aglomerações, bem como a posição contrária de especialistas e o comparativo com demais países.

Enquanto os noticiários internacionais apontavam o presidente como uma figura de extrema direita, antidemocrática e comparada com ditadores ao longo da história expondo uma imagem mais negativa do país. Assim como a divulgação de pesquisas de opinião nacionais de aprovação e reprovação dos posicionamentos do presidente Bolsonaro. Em congruência com a mídia nacional, o negacionismo do presidente, o conflito com governadores, imprensa e legislativo, a presença em aglomerações e as reações populares também foram destaque.

Os títulos das reportagens nacionais destacavam os conflitos com governadores e imprensa, o negacionismo e comparativo com demais países. Ao passo que a imprensa internacional destacou em seus títulos o conflito com a imprensa, comparativo com países e o pessimismo da situação brasileira durante o início da pandemia.

As imagens anexadas no corpo do noticiário nacional apresentavam uma foto oficial do pronunciamento do presidente com expressão facial neutra e a presença em

eventos oficiais com máscara. Enquanto a mídia internacional destacou uma foto do presidente com uso indevido da máscara no mesmo evento oficial apontado pela imprensa brasileira, além de uma foto do chefe do executivo com expressão facial negativa e as constantes aglomerações.

FIGURA 1 – Bolsonaro em pronunciamento oficial em transmissão televisionada



FONTE: Folha de São Paulo (2020)

FIGURA 2 – Bolsonaro em evento oficial



FONTE: The Guardian (2020)

Em abril de 2020, o assunto em destaque deve-se a demissão do então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. A mídia nacional expôs o conflito interno, a contratação e o currículo do novo ministro Nelson Teich, a manifestação contrária de Mandetta, o apoio de aliados, o discurso negacionista sobretudo contrário ao isolamento e defesa do tratamento precoce, bem como a presença em aglomerações. Além do conflito



com a imprensa e o espaço dado a Mandetta para manifestação própria, a reação contrária do legislativo, os resultados de pesquisa de opinião de aprovação e desaprovação tanto de Jair Bolsonaro como de Mandetta e o destaque também ao discurso de priorização da economia.

Do outro lado, a mídia internacional buscou apontar a posição ideológica direitista do presidente, a reação popular contrária à demissão do ministro, o conflito com governadores, a opinião de especialistas políticos para o momento e a política popular de pagamento do Auxílio Emergencial, também foram expostas informações e previsões da pandemia no Brasil como ocupação hospitalar e a subnotificação de dados, comparativo com demais países além da rápida propagação de Fake News no país. Assim como apontado pelo noticiário brasileiro, nas notícias internacionais foram destaque a popularidade e o posicionamento de Mandetta e as pesquisas de aprovação e desaprovação do presidente e do ministro, o conflito interno no governo, o currículo do novo ministro e a reação contrária do legislativo. Como de praxe, houve espaço para mencionar o discurso negacionista contrário ao isolamento e priorizando a economia bem como a defesa do tratamento precoce.

Os títulos nos noticiários nacionais pontuavam a demissão, substituição e popularidade de Mandetta e sobre o novo ministro. Os títulos internacionais também destacaram a demissão e popularidade do ex-ministro, mas abordaram o conflito interno no governo e a crise do coronavírus no país.

Dentre as imagens nos portais de notícias brasileiros, foram escolhidas de Bolsonaro e Teich (ambos sem máscara), Bolsonaro e Mandetta (ambos com máscara), Mandetta (sem máscara) em coletiva de imprensa e em outra foto com semblante triste, Bolsonaro presente em aglomerações, assim como em outro registro estando sem máscara e nota-se gotículas de saliva saindo de sua boca e manifestações a favor do presidente (com manifestantes sem máscara) e contrárias (com manifestantes com máscara).

A imprensa internacional utilizou de imagens de Bolsonaro (sem máscara) e Mandetta (com máscara) juntos, o presidente com semblante negativo e o então ministro com aspecto mais positivo, foto de Teich (sem máscara), outra foto de Mandetta e Bolsonaro juntos, desta vez com o médico higienizando o presidente com álcool. Uma foto de Mandetta (sem máscara) também foi utilizada, assim como de apoiadores de Bolsonaro em manifestações, obviamente, a favor do chefe do Executivo.

Em maio de 2020, poucas semanas após a admissão de Nelson Teich como Ministro da Saúde, ele saiu do cargo e, conseqüentemente, teve bastante destaque nos

tabloides brasileiros e mundo a fora. A mídia nacional destacou o evidente curto espaço de tempo, o destaque dado pelo Ministério ao tratamento precoce, o conflito interno dentro do governo sobretudo a distância entre o então ministro e o presidente, os possíveis substitutos e o posicionamento de Pazuello nessa situação, este que futuramente viria a ocupar o cargo. Tal momento foi considerado pelos noticiários como uma crise no governo com a saída de autoridades de importantes cargos, assim como as divergências e fracassos dentro do próprio Ministério da Saúde e a interferência do presidente em decisões técnicas que não lhe cabiam com argumentos negacionistas e contrários à ciência. Por fim, as semelhanças de atuação na pasta de Teich e Mandetta foram destaque.

Por outro lado, a imprensa internacional, além de também dar espaço a todos os pontos acima citados e atribuídos a mídia nacional, considerou evidenciar os dados sobre a pandemia no Brasil, assim como a subnotificação dos mesmos e o colapso no sistema de saúde enquanto o presidente discursava sobre priorizar a economia. Não obstante, os processos judiciais envolvendo Bolsonaro e o claro favorecimento a sua família foram pontuados, assim como a possibilidade uma intervenção por parte do chefe do executivo.

As manchetes nacionais buscaram evidenciar o pedido de demissão por parte de Teich, as divergências sobre o uso de cloroquina do Ministro com o Governo, apontando para uma crise interna, além de possíveis substitutos. Já nos títulos dos jornais internacionais, o Brasil é apontado como um país em crise durante a pandemia, o curto espaço de tempo de atuação do ministro e o fato de não ser o primeiro no cargo a sair.

As imagens anexadas no corpo das notícias nacionais são de Teich e Bolsonaro juntos (apenas o primeiro usando máscara) e de ambos sem máscara. Na imprensa internacional, Teich é apresentado em fotos com e sem máscara, Bolsonaro usando a máscara de maneira equivocada e por fim uma foto de um funeral de uma vítima de COVID-19.

Em junho de 2020, o tema em destaque refere-se ao “apagão” de dados sobre a pandemia, como notificação de casos positivos e óbitos pelo COVID-19, por parte do Ministério da Saúde. A imprensa nacional obviamente apontou a questão da restrição dos dados da pandemia, a suposta manipulação através de recontagens e atraso na divulgação desses dados, a subnotificação de casos, os dados divulgados (apenas nas últimas 24 horas), comparativo com outros países, posicionamento de Bolsonaro frente ao enfrentamento da pandemia com opiniões e atitudes contrárias à de especialistas e o constante conflito com legislativo e mídia, bem como os argumentos de defesa do próprio governo e ministros e o fim das entrevistas diárias sobre a situação geral do país frente à

pandemia. Também pontuaram os dados coletados através de meios independentes de contagem, ao passo que o site oficial do Ministério permanecia fora do ar e o posicionamento de algumas entidades como o Tribunal de Contas, Secretárias de Saúde e Judiciário.

Concomitantemente, a mídia internacional além de citar os pontos acima também comparou o Brasil com a Coreia do Norte, considerou o país sob uma perspectiva totalitarista e sob censura, além de ser governado por um presidente negacionista de extrema direita com políticas públicas distantes da transparência necessária. Sob a pandemia, lembrou o conflito interno do governo e o histórico do Ministério da Saúde e da gestão inexperiente de Mandetta.

As manchetes das notícias nacionais destacaram a restrição e recontagem de dados, o posicionamento de Bolsonaro e as reações das secretárias e Tribunal de Contas. Enquanto os títulos das reportagens internacionais além de citarem a restrição dos dados e o site fora do ar, atribuíram a responsabilidade da situação ao governo e o crescimento de mortes no país em decorrência da COVID-19.

As imagens que acompanhavam as notícias nacionais buscaram evidenciar os dados reais através de gráficos sobre a situação do Brasil em relação à pandemia, capturas de tela do site do Ministério da Saúde fora do ar e dos dados das últimas 24 horas, além de um comparativo de como era o painel de divulgação antes das restrições. Por fim, uma foto de Bolsonaro (sem máscara) em aglomerações. Nos tabloides internacionais, imagens de protestos contra Bolsonaro (com manifestantes utilizando máscaras), do próprio presidente (sem máscara) e gráficos comparativos do Brasil com demais países com a intenção de explicar o momento de pandemia no país.

Durante o mês de julho de 2020, o grande destaque midiático deu-se pelo teste positivo para coronavírus do presidente Jair Bolsonaro, assim, os jornais de circulação nacional destacaram a idade e o fato do presidente ser do grupo de risco para a doença, os sintomas leves que o mesmo apresentou, a entrevista presencial com Jair em que ele anuncia estar contaminado com o vírus, relembram seu discurso negacionista, presenças em aglomerações, a defesa do tratamento precoce, o uso inadequado da máscara e os decretos e ações oficiais contrárias as recomendações da OMS, reiteram o discurso mais ameno na atual situação e a mudança de agenda, assim como a testagem de toda a equipe que o acompanhavam. Também citam os testes realizados anteriormente sob determinação judicial e uso de codinomes, o conflito com os governadores, autoridades

do judiciário e especialistas, além da presença em um evento oficial com embaixadores americanos pouco antes do anúncio do teste positivo.

A imprensa internacional também abordou os pontos acima citados, mas como de costume, destacou o fato do presidente ser de extrema direita, a má gestão de seu governo e o apoio de aliados, divulgou os dados atuais sobre a pandemia no país comparando com outros países e o colapso no sistema de saúde do Brasil, criticou a gestão de Mandetta quando estava a frente do Ministério de Saúde, a reação popular ao teste positivo do Chefe do Executivo e citou outros líderes políticos internacionais e nacionais que também foram infectados e como lidaram com a pandemia. Citaram a polêmica situação da avó Michelle Bolsonaro, primeira-dama do Brasil, as investigações que permeiam o governo e a instabilidade política com a troca de ministros e a perda de aliados importantes, intensificando o momento de polarização vivida no país.

Os títulos das notícias foram mais sucintos, no Brasil as manchetes destacaram a infecção e a tentativa de minimizar a pandemia pelo presidente e internacionalmente, os títulos apenas apontaram a infecção de Bolsonaro pelo COVID-19.

As imagens anexadas nas reportagens nacionais foram de sua entrevista presencial usando máscara e logo em seguida retirando-a, do exame positivo, fotos do presidente sem máscara com gotículas de saliva saindo de sua boca, presença em aglomerações, da equipe presidencial (com máscara). Os tabloides internacionais usaram fotos de Bolsonaro com máscara, mas também com uso inadequado dela, assim como da entrevista presencial, ainda que de máscara, mas com pouco distanciamento social com os repórteres que o entrevistavam, de sua equipe (sem máscara). Divulgaram uma foto de um enterro de uma vítima de coronavírus, uma intervenção artística em grafite de Bolsonaro usando máscara com uma estampa escrita “covarde” e de uma favela no país.

FIGURA 3 – Bolsonaro em entrevista anunciando que contraiu coronavírus



FONTE: Folha de São Paulo (2020)

FIGURA 4 – Bolsonaro em entrevista anunciando que contraiu coronavírus



FONTE: The New York Times (2020)

No mês de agosto de 2020, a polêmica ameaça contra um repórter por parte do presidente Jair Bolsonaro foi destaque na imprensa nacional e internacional. No Brasil, os principais jornais replicaram a frase ameaçadora de Jair, citaram a empresa a qual o jornalista atacado trabalha, o local e o contexto da entrevista, o escândalo e os envolvidos que levaram o repórter a formular sua pergunta, o ataque de Bolsonaro ao Grupo Globo, que emitiu nota negando as acusações e o silêncio do Palácio do Planalto após a polêmica. Também citaram as manifestações contrárias de Instituições e órgãos públicos à agressão,

relembrou ataques anteriores à imprensa e compararam com o período de Ditadura Militar vivido no Brasil.

Para além dos momentos acima citados, na mídia internacional ainda associaram, como de praxe, o presidente como sendo de extrema-direita, associado as milícias e o descaso no comando do país na pandemia, além do posicionamento do vice-presidente Hamilton Mourão, relembrou operações brasileiras anticorrupção e os escândalos anteriores com envolvimento da família Bolsonaro e o conflito do ex-ministro da Justiça Sérgio Moro com o judiciário.

Nos títulos, nos jornais nacionais, descreveram a frase ameaçadora de Bolsonaro dita ao repórter, a empresa que ele trabalha, e o escândalo que envolvia Fabrício Queiroz, a primeira-dama Michelle Bolsonaro e os cheques em seu nome. Nos jornais internacionais, também descreveram a frase e apontaram o escândalo como “familiar”, “questões financeiras” e por uma investigação ameaçadora para Bolsonaro.

As imagens que a mídia nacional utilizou foram de Bolsonaro aglomerado de jornalistas na mesma ocasião do ataque ao repórter e por uma perspectiva apenas de seu rosto, usaram fotos de Queiroz e sua esposa e de Queiroz com Bolsonaro em um momento íntimo e descontraído durante uma pescaria. Por fim, uma charge crítica da artista Laerte em que Bolsonaro replica a frase de ataque. Nos tabloides internacionais, as fotos eram de Bolsonaro e Michelle (sem máscara), Queiroz sendo levado por policiais, Flávio Bolsonaro (que foi descrito como a figura central do escândalo), Bolsonaro em um discurso informal de uma janela de um apartamento e uma foto do presidente utilizando uma máscara de forma inadequada.

Setembro de 2020 marcou a realização da Assembleia Geral da ONU e a participação de Bolsonaro que, como tradição, o presidente do Brasil foi o primeiro a discursar. Nos jornais brasileiros, explicaram como funciona o evento e seu histórico, enfatizaram o discurso (que também foi divulgado em transcrição) do presidente por ter sido um vídeo gravado, editado e com cortes. Destacaram os principais temas ditos por Jair, sendo eles, a autodefesa de seu governo e das medidas de combate à pandemia e queimadas na Amazônia (que foram atribuídas aos nativos e a própria natureza) e a prioridade na defesa da economia. O ataque à imprensa, governadores, a Venezuela e instituições internacionais atuantes na defesa da Amazônia foram pontuados, bem como o apoio a ONU, ao Oriente Médio e, ao então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A defesa da Hidroxicloroquina no combate à COVID-19 e dados distorcidos e manipulados sobre a atual situação do Brasil foram pauta. O discurso, que considerava as

ações do governo sob uma ótica cristã e conservadora e que colocava o país dentro de uma perspectiva de perseguição nacional foi contrado com a opinião de especialistas que apresentaram dados contrários aos divulgados pelo presidente.

Na imprensa internacional, a fala do presidente “de extrema-direita” foi enfatizada por ter sido voltada para brasileiros e não para as relações internacionais, como o elogio ao agronegócio e aos caminhoneiros, a ênfase a reforma da previdência e a temática cristã e conservadora. Os ataques à imprensa, aos governadores e as instituições internacionais atuantes na Amazônia também foram citadas, porém acompanhados dos manifestos de defesa dessas instituições. Nas reportagens, notaram a mudança no discurso, agora mais ameno sobre a pandemia, lembrando também o negacionismo e a infecção do presidente anteriormente. Bolsonaro foi desmentido sobre os dados que o próprio divulgou a respeito das queimadas na Amazônia, em que enfatizaram quando um voo que o carregava precisou realizar um pouso forçado por causa das fumaças. Por fim, publicaram as reações de autoridades brasileiras ao discurso, recapitularam as constantes demissões de ministros e veicularam os dados reais sobre a pandemia em perspectiva comparada com outros países.

Os títulos das publicações nacionais enfatizaram que o discurso de Bolsonaro seria em defesa de sua gestão na pandemia, de se pôr no lugar de vítima de ataques em campanhas de desinformação e em atribuir a responsabilidade dos incêndios na Amazônia. Internacionalmente, os títulos apontavam para uma campanha brutal contra políticas ambientais, de ataque a imprensa e de vitimização.

As imagens nas edições nacionais eram capturas de tela no momento do discurso e do espaço quase vazio e com restrições por conta da pandemia de onde a Assembleia acontecia presencialmente. Imagens também da equipe ministerial, do presidente e de um de seus filhos assistindo juntos e sem máscara ao momento em que o discurso foi transmitido, bem como uma foto dos bastidores de sua gravação. Também foram anexadas imagens de um incêndio no Pantanal e uma representação do Sistema Único de Saúde (SUS) com uma ambulância e profissionais de saúde. Nos jornais internacionais, apenas Bolsonaro no momento do seu discurso e uma intervenção artística em um muro, na qual Bolsonaro segura um cartaz com a frase sobre a “gripezinha”, termo que ele utilizou para se referir ao COVID-19.

Novembro de 2020<sup>3</sup> marcou nos Estados Unidos o período eleitoral para a escolha do novo presidente da federação, numa disputa calorosa entre Donald Trump, do partido Republicano e Joe Biden, do partido Democrata, este último saindo vitorioso. Enquanto no Brasil, no mesmo mês se deu o período eleitoral municipal, que será analisado mais a frente neste trabalho. Portanto, nos jornais de circulação nacional, o destaque atribuído as eleições estadunidenses se deram pelo silêncio do presidente Jair Bolsonaro a vitória de Joe Biden, acentuando o tempo em que ele não se manifestou, quais instituições brasileiras ligadas ao governo deveriam ter emitido nota ao passo que outros líderes mundiais logo reconheceram a vitória do novo presidente e conseqüentemente as comparações com outros países se tornou inevitável, assim como autoridades brasileiras logo constataram o êxito democrata. Acentuaram a reação do presidente do Brasil com o anúncio dos resultados e a relação que ele tinha com Donald Trump, os intermediários dessa ligação e de que forma a mídia internacional encarava essa conexão.

Ainda mais, frisaram o conflito com o resultado divulgado pela imprensa, considerando que o resultado oficial ainda estava longe de ser alcançado, mas mesmo que parcialmente já era possível declarar vitória a Biden. Recapitularam o histórico de reconhecimento dos presidentes brasileiros anteriores ao resultado das eleições norte-americanas, em contraponto com a militância bolsonarista, as acusações de fraude e as desavenças quase que espontâneas de Bolsonaro com Biden. Ainda diante da falta de resposta à imprensa e apenas de um possível reconhecimento da derrota de Trump, a mídia nacional lembrou as falas e manifestações públicas do Chefe do Executivo brasileiro que excluía os Estados Unidos de Biden e através de uma análise de um especialista em Relações Internacionais, apontaram para um futuro comportamento diplomático esperado para o país, que poderia ser isolado em caso de desavenças com os EUA enquanto rememoram os erros já cometidos desde a entrada de Jair a presidência.

Já na mídia internacional, o presidente Bolsonaro apontado como populista, nacionalista, tendo suas falas misóginas, racistas, homofóbicas e negacionistas lembradas e comparado com um “Donald Trump Tropical”, foi colocado lado a lado de outros líderes autoritários em sua mesma posição que se mantiveram calados a vitória de Joe Biden. Pensando sobre o lado diplomático, com a opinião de especialistas em

---

<sup>3</sup> 3 Mês de outubro de 2020 não será incluído nas análises deste trabalho. Para tanto, haverá dois momentos do mês de novembro de 2020 que serão expostos neste artigo.



Relações Internacionais, expuseram os rompimentos de tradições por Bolsonaro, quais as preocupações que permeavam nas futuras relações exteriores do Brasil e as possíveis percas e período de recessão econômica do Brasil num país então governado por um direitista isolado, com envolvimento de sua família nas decisões sobre política externa. Também divulgaram pesquisas de opinião em que o presidente ainda está em alta nos índices de aprovação e avaliação, embora tenham apontado as diferenças com Biden e seus polêmicos posicionamentos sobre aquecimento global e desmatamento.

Os títulos dos periódicos brasileiros retrataram a espera do resultado oficial, o atraso do presidente em parabenizar o novo presidente democrata e lembrando as falas de Bolsonaro excluindo os Estados Unidos da política externa. À medida que as publicações internacionais o comparam com Trump, também o colocam no mesmo patamar de outros presidentes que também não haviam reconhecido a vitória de Biden. Com destaque para um dos títulos que o colocaram lado a lado do presidente do México que, assim como no Brasil, também não havia se manifestado. Enfatizaram o silêncio, as percas para o Brasil e o isolamento global do “direitista”.

As imagens reproduzidas nos noticiários nacionais foram de Bolsonaro junto com Trump, do presidente com a bandeira do Brasil e ao fundo a bandeira dos Estados Unidos e do mesmo em eventos oficiais (sem máscara). Nas edições internacionais, as fotos eram do presidente da Rússia, China, Turquia, México e Brasil como os líderes que não haviam se manifestado até então, anexaram uma foto de Bolsonaro com Trump e do presidente brasileiro em eventos oficiais (sem máscara).

A segunda análise do mês de novembro, deve-se ao resultado das eleições municipais e a derrota de aliados do presidente no pleito. Nos jornais de circulação nacional, consideraram as eleições municipais de 2020 como um teste eleitoral para as eleições presidenciais de 2022, apontaram para quais eram os aliados de Bolsonaro derrotados, como Wal do Açaí e de sua ex esposa, e quais os principais opositores que saíram vitoriosos. Pontuaram a principal exceção que foi de Carlos Bolsonaro, saindo vitorioso como o segundo mais votado atrás de um candidato do partido PSOL, um dos principais opositores da família Bolsonaro, e recapitularam a eleição anterior quando até então, Carlos, tinha sido o vereador mais votado do Rio de Janeiro.

Para mais, divulgaram a manifestação minimizadora do presidente, que não pertence a nenhum partido, e rememoraram as inúmeras lives feitas pelo próprio de apoio aos candidatos derrotados. Assim como compararam com as eleições nacionais de 2018, citaram os ex aliados do presidente e os nomes de seus principais adversários políticos,

as previsões de derrota divulgadas já com as pesquisas eleitorais e a concretização do fracasso dos candidatos conservadores. Fizeram uma análise do resultado por região, do uso do sobrenome “Bolsonaro” por candidatos que se quer pertenciam a família, mas que estavam de acordo com a legislação eleitoral e citaram o único prefeito bolsonarista eleito em primeiro turno e quais ainda pleiteavam uma vaga com uma disputa em segundo turno.

Os jornais internacionais, assim como os nacionais, apontam para as eleições de 2020 como um momento teste para as eleições de 2022, nomeiam os candidatos derrotados que foram apoiados por Bolsonaro, assim como a vitória de seu filho, Carlos, para vereador no Rio de Janeiro. No mais, citaram o posicionamento de apoio a direita do presidente durante a campanha, que novamente foi citado como populista de extrema direita e atualmente sem estar filiado a algum partido. Outrossim, lembraram a derrota de Trump nos Estados Unidos e o não reconhecimento da vitória de Joe Biden pelo presidente brasileiro. Enfatizaram o discurso contrário ao comunismo de Bolsonaro e aliados e suas alianças com políticos mais ao centro do espectro, numa posição contraditória a da campanha eleitoral de 2018, em que na época, o posicionamento *anti-establishment* dominava a agenda. Ainda sobre as eleições, mencionaram com louvor o candidato a prefeito de São Paulo, pelo PSOL, Guilherme Boulos, num cenário eleitoral com esquerda dividida e o Partido dos Trabalhadores enfraquecido, enquanto partidos tradicionais saíram vitoriosos em várias cidades. Para 2022, fizeram uma alusão a uma possível vitória de Bolsonaro, ainda que ele esteja envolvido em escândalos de corrupção, sendo acusado diariamente de sua má gestão durante a pandemia ao passo que uma segunda onda de COVID-19 tem alarmado os especialistas e o país esteja passando por uma crise econômica. Citaram outros nomes e a perspectiva de um candidato do centro, considerado como uma terceira via.

Os títulos dos noticiários nacionais especificam a quantidade de aliados de Bolsonaro que perderam e ganharam, como Carlos Bolsonaro e Wal do Açaí e destacaram o uso do sobrenome do presidente por diversos outros candidatos. Nas manchetes internacionais, enfatizaram a rejeição dos aliados do presidente, os resultados insatisfatórios e quais as dificuldades para Bolsonaro com o desfecho das eleições.

Nas imagens, dos jornais de repercussão nacional, apresenta-se um Bolsonaro sorridente, e também acompanhado, em diferentes imagens, com os candidatos Carlos Boslonaro, Celso Russomano, Marcelo Crivella e um outro candidato sem grande impacto nacional. Na imprensa internacional, as fotografias constavam Bolsonaro após votar e, na mesma ocasião, dando uma entrevista para repórteres presentes. Em outro

momento, o presidente encontrava-se aglomerado com apoiadores depois de ter votado enquanto um manifestante, do movimento antifascismo, se posicionava contra Jair.

FIGURA 5 – Bolsonaro sorridente enquanto segura uma criança



FONTE: Estadão (2020)

FIGURA 6 – Bolsonaro após votação com apoiadores e um manifestante antifascista contrário ao presidente



FONTE: Reuters (2020)

Em dezembro de 2020, o Governo Federal lançou o plano nacional de vacinação contra a COVID-19. Nos jornais brasileiros, lembraram os constantes conflitos com governadores em contraponto com o atual tom conciliador do planalto e a presença de diversos governadores estaduais, exceto João Dória, governador de São Paulo e uma das

principais figuras políticas responsável pela promoção da vacina CoronaVac, frequentemente atacada por Bolsonaro. Outras autoridades ministeriais e a figura simbólica do Zé Gotinha também estavam presentes, enquanto o presidente resistiu ao uso da máscara, os demais chefes executivos estaduais respeitaram a essa recomendação. Ademais, os jornais salientaram as estratégias e procedimentos de autorização que seriam adotados para a vacinação, num alinhamento com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que apesar da falta de datas exatas, apenas previsões, foram informadas as vacinas com seus respectivos laboratórios de fabricação que estavam em negociação, bem como o quantitativo de doses e o orçamento para execução da ação. O plano de vacinação, que começaria a aplicar os imunizantes nos grupos prioritários, foi comparado com o de outros países ao mesmo tempo em que o discurso negacionista e contrário a vacina poderia desestimular a adesão em massa a campanha.

Nas publicações internacionais, foram expostos os dados sobre a pandemia no Brasil, a eminente segunda onda e o colapso do sistema de saúde, enquanto um plano de vacinação lento, sem datas determinadas, com negociações atrasadas e incertas havia sido divulgado. Novamente, o presidente foi apontado como de extrema direita, negacionista, conflitante com os governadores estaduais, sobretudo com João Dória ao confrontarem sobre a autorização e aplicação da CoronaVac, que se tornou uma figura central e de impacto para o cenário eleitoral de 2022. A forma como o plano de vacinação estava sendo formulado e administrado foi criticado pelos opositores, autoridades da saúde, legisladores e pela mídia, além de comparado com outros países, sobretudo pelo histórico famoso e admirável do país nas campanhas de vacinação de outras endemias. Além disso, pontuaram a crise política e pedidos de *impeachment* de Bolsonaro e o crescente movimento anti vacina, que inclui até mesmo atuantes legisladores, levando assim para o debate da obrigatoriedade do ato de se vacinar no Brasil governado por um presidente resistente a vacinação e a realização de pesquisas de opinião para identificar a intenção do brasileiro em se vacinar. Ainda sobre o evento de lançamento, destacaram a presença de governadores, que estariam entrando em acordo entre si para a compra da vacina russa Sputnik V e complementaram também com o plano de vacinação de Joao Dória para o estado de São Paulo.

Os títulos dos jornais nacionais destacaram o tom conciliador do governo, a ausência de Dória no lançamento do plano de vacinação e a inclusão da CoronaVac. Do outro lado, nos tabloides internacionais, estavam noticiando o crescimento da pandemia

no país, o caótico plano de vacinação, a negligência de Bolsonaro e o debate da obrigatoriedade em se vacinar.

Nas imagens dos jornais de circulação nacional, Bolsonaro e sua equipe (todos sem máscara) e diversos governadores estaduais (todos com máscara) juntos no evento de lançamento do plano de vacinação, também de Bolsonaro (sem máscara) e da figura simbólica do Zé Gotinha (com representação de uma máscara), além de um infográfico de como deve ocorrer a vacinação em todo os país. Na imprensa internacional, uma foto de uma pessoa se vacinando e outra foto com a vacina Sputnik V, também anexaram imagens do movimento anti vacina. Divulgaram a foto de João Dória junto da chegada do avião que trazia uma remessa de CoronaVac, por outro lado, uma foto de Bolsonaro com a máscara de proteção sendo usada de maneira incorreta e também de sua presença nas constantes aglomerações.

Em janeiro de 2021, o Brasil alcançou a triste marca de 200 mil mortes em decorrência do COVID-19, o que foi notícia em diversos jornais brasileiros e no exterior. Os noticiários nacionais apontaram o momento como sendo o pior desde o início da pandemia, com uma curva de casos positivos e mortes ascendente, mantendo-se sempre em alta ao passo que aglomerações eram mais constantes e gradativamente acontecia o relaxamento das medidas de prevenção, enquanto a campanha de vacinação ainda era imprevisível e caótica. Foram ouvidas opiniões de especialistas sobre a atual situação e lembraram a tentativa informal do Governo Federal em tentar conter a disseminação do vírus através da imunidade de rebanho, ao mesmo tempo em que os governadores locais encontravam impasses de atuação nos seus respectivos estados, como o não cumprimento do *lockdown* por parte da população, as campanhas eleitorais e as festas de fim ano e dando ao país previsões dramáticas sobre a pandemia.

No que tange a campanha de vacinação, enfatizaram quais as vacinas e laboratórios que ainda estavam em negociação com o governo, quando novas variantes eram detectadas e as estratégias de mobilização social que seriam adotadas para a adesão da campanha. Como de praxe, comparam o momento atual do Brasil com outros países, desde a incidência de casos e mortes até a proporção de imunizados e, desta vez, comparam com tragédias que comoveram a população anteriormente e divulgaram depoimentos de parentes que perderam entes pelo vírus. Pontuaram a semelhança do presidente Bolsonaro com o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, as ações irresponsáveis e o descaso do Governo Federal, o conflito com os governadores, a recomendação do tratamento precoce, a desastrosa execução orçamentária para o controle

da pandemia e compra de vacinas, a relutância com a CoronaVac e o posicionamento do Ministério da Saúde frente ao atual momento. Por fim, rememoraram as saídas dos Ministros da pasta, em especial para Mandetta que havia lançado um livro sobre o período em que esteve no cargo e complementaram com a atuação do então atual Ministro Pazuello, enquanto o presidente era denunciado internacionalmente no Tribunal de Haia.

Na imprensa internacional, também ressaltaram como o pior momento da pandemia no Brasil, que logo foi comparada com outros países, especialmente pela campanha de vacinação desastrosa enquanto novas variantes surgiam e o país alcançava recordes de casos positivos com uma infeliz previsão de número de mortos, ao passo que a população não cumpria com as medidas sanitárias, sobretudo com o *lockdown*, distanciamento social e a realização de festas de fim de ano aglomeradas num país que a imunidade de rebanho foi erroneamente provocada. Mas, além disso, salientaram como o país encontrava-se de acordo com diversas capitais estaduais, com o colapso do sistema hospitalar e a subnotificação de casos que impedia uma análise mais realista da conjuntura, destacando a caótica situação do estado do Amazonas. Frisaram que o presidente Jair Bolsonaro, que tanto defendia a priorização da economia, havia tirado férias, a medida que o país era visto internacionalmente pela circunstância vexaminosa e popularmente sofria duras críticas. Por último, evidenciaram os constantes flagrantes de festas clandestinas por famosos e por pessoas de classes sociais mais elitizadas em contrapartida a reação policial para a dispersão dessas imprudências.

Os títulos dos tabloides brasileiros reforçaram os erros no combate à pandemia, a alta nas infecções e a campanha de vacinação imprevisível e atrasada. Enquanto os jornais do exterior pontuaram para os recordes diários de casos e mortes e o relaxamento das medidas de prevenção.

As imagens nos jornais de circulação nacional eram de velórios de vítima de COVID, aglomerações de fim de ano, fotos de vítimas do vírus e de suas respectivas famílias, fila para a realização de testes, uma linha do tempo da pandemia e, por fim, Bolsonaro e Mandetta juntos, em que apenas o último utilizava máscara. Nas mídias estrangeiras, anexaram fotos de uma unidade de saúde pública em São Paulo, covas em um cemitério, aglomerações em festas e também no dia a dia, uma manifestação contra o presidente Bolsonaro e a realização de um teste de detecção do vírus.

Em março de 2021<sup>4</sup>, o Governo Federal decretou a troca, dentre demissões e substituições, de seis ministros que ocupavam importantes pastas. A visão que os jornais de circulação nacional perpassaram foi de que internamente existia uma pressão política por parte dos políticos de centro atrelada a polêmicas envolvendo os próprios ministros. Além disso, essas demissões surpresas e a aliança com o centrão como estratégia de fortalecimento político, que contradiz o discurso adotado durante a campanha de 2018 do presidente Bolsonaro, causou estranhamento no exército e no presidente do Senado Arthur Lira, criando um cenário propício para investigações. Os noticiários divulgaram as notas dos ministros demitidos, listaram os nomes de militares que ocupavam os cargos importantes no governo, elencaram o perfil dos nomes escolhidos, os motivos das demissões dos anteriores e ainda destacaram a demissão de Ernesto Araújo, que ocupou o Ministério das Relações Exteriores e foi considerado um grande empecilho no combate a pandemia. Esta, que foi considerada a primeira reforma ministerial, veio acompanhada de uma reação instantânea de vários partidos num período de baixa popularidade do Governo Federal que constantemente conflitou com os governadores estaduais.

Internacionalmente, o período foi reiterado com a caótica situação da pandemia no país (expondo os dados oficiais de casos notificados e óbitos registrados, além da detecção de novas variantes do vírus), rememorando outras substituições enquanto o presidente conflitava os chefes dos executivos estaduais. Além disso, ressaltaram a ocupação de militares nos cargos estratégicos do governo, as demissões surpresas (destacando o afastamento de Ernesto Araújo) e as reações contrárias ao presidente no que foi dito como a maior crise do governo Bolsonaro já que para além dessa primeira reforma ministerial ainda enfrentava uma baixa popularidade, ao mesmo tempo em que o ex-presidente Lula retornava para o embate político. Sobre a pandemia, evidenciaram a discreta posse do novo ministro da Saúde Marcelo Queiroga que já se responsabilizaria pelo programa de vacinação, num governo negacionista e declaradamente anti vacina. E, sobretudo, focalizaram na situação como uma aproximação ao centrão para evitar processos de *impeachment* e por pressão legislativa acompanhados por tentativas fracassadas de alianças internacionais do gabinete presidencial, interpretado como ultra-direitista e que enfrenta constantes reações contrárias as suas ações.

---

4 Mês de fevereiro de 2021 não será incluído nas análises deste trabalho. Para tanto, haverá dois momentos do mês de abril de 2021 que serão expostos neste artigo.

Nos títulos nacionais, foram destacados o número de trocas e demissões, a proximidade e a pressão com o centrão, as principais pastas envolvidas além do favorecimento do Congresso e das Forças Armadas. No exterior, as manchetes salientaram o número de trocas, a situação da pandemia, a pressão sobre o governo e o momento como sendo a maior crise do presidente Bolsonaro.

Dentre as imagens anexadas, nacionalmente foram expostas fotos de Bolsonaro com os ministros, tanto os atuais como os antigos, também dos ex-ministros individualmente e, por fim, do presidente em exercício através de viagens oficiais. Internacionalmente, as fotos divulgadas foram dos ex-ministros, de Bolsonaro, também do presidente junto de Ernesto Araújo, uma pichação numa imagem pública do Chefe do Executivo e de um sepultamento de uma vítima de COVID-19.

Em abril de 2021, o destaque da mídia se deu pela participação do presidente Jair Bolsonaro no evento internacional “Cúpula do Clima”, convocado pelo presidente dos Estados Unidos Joe Biden. Nos noticiários brasileiros, apontaram para a política ambiental negligente do Governo Federal, concomitantemente com as metas a serem cumpridas durante o mandato. Frente a um discurso moderado, citaram os empréstimos solicitados com outros países, o apelo a contribuições internacionais e o conflito político com os Estados Unidos. Mencionaram os líderes governistas que estavam participando do evento e a ausência de Biden durante o discurso de Bolsonaro que foi em defesa do próprio governo e das estratégias adotadas até então para preservação ambiental, sobretudo das políticas de conservação da Amazônia. Ademais, colocaram o Brasil em comparação com os outros países e as metas pretendidas por eles, além da opinião de Biden ao discurso, com temáticas já apontadas pelo presidente brasileiro através de uma carta enviada ao presidente norte americano anteriormente. Destacaram a crise de imagem sofrida pelo planalto, a distorção dos dados divulgados por Bolsonaro<sup>5</sup>, as polêmicas com envolvimento do então ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, as contradições analisadas no discurso entre o que foi divulgado no momento e com declarações anteriores, bem como a falta de aprofundamento dos possíveis cumprimentos das metas pré-estabelecidas e os cortes orçamentários sobre tais políticas públicas. O discurso, que teve suas propostas comparadas com o de governos anteriores, foi comparado com o realizado durante a Assembleia na ONU e considerado como um desafio diplomático.

---

<sup>5</sup> Na ocasião, divulgaram dados oficiais sobre a real situação de conservação do bioma brasileiro



Na imprensa internacional, o tom conciliador e de defesa do governo também foi destacado apesar da questionável credibilidade do discurso do presidente que expôs metas, porém sem estratégias para o cumprimento de tais e frente a cortes orçamentários. Também constaram com a referência a carta endereçada a Biden, mesmo que haja um conflito entre os chefes do executivo apesar do presidente norte americano ter se comprometido com os projetos de conservação do clima no mundo, colocando Jair Bolsonaro como uma figura que vem enfrentando pressões internas e internacionais, num contexto que ele tenha solicitado aos outros países, através de seu discurso, empréstimos e contribuições para as políticas de preservação ambiental. Ainda sobre o Brasil, levaram em consideração as polêmicas envolvendo o Ministério do Meio Ambiente, como o desvio de recurso de dinheiro internacional e o fim do Fundo da Amazônia, assim como as incontestáveis áreas de desmatamento no país dominado por fazendeiros e grileiros, em que existem evidentes riscos ao fazer acordos com Bolsonaro.

Os títulos dos noticiários brasileiros apontaram para o ceticismo do presidente, as promessas vagas idealizadas por ele em seu discurso, assim como os dados distorcidos apresentados, o contexto de pressão para cumprimento de metas e o projeto de neutralização de gases. As manchetes internacionais apontaram para o investimento de Joe Biden no clima, a falta de controle de Bolsonaro e as promessas de combate ao desmatamento, cada vez crescente no país. Além disso, uma das reportagens aborda o evento de maneira mais geral.

As imagens anexadas nas notícias nacionais foram do exato momento em que Bolsonaro discursou, evidenciando a participação de Ricardo Salles, a presença de Joe Biden no evento, a participação de outros presidentes. Outrossim, utilizaram as fotos dos bastidores da gravação do discurso e o uso inadequado da máscara de proteção facial por Salles. Na imprensa internacional, as fotos eram de uma captura de tela da reunião em formato virtual pela plataforma Zoom e de desastres ambientais no Brasil como queimadas e desmatamentos.

Ainda em abril de 2021, o poder legislativo conduziu a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar irregularidades nas ações do Governo Federal durante a pandemia, tornando as investigações conhecidas, popularmente, como CPI da COVID. Dessa forma, nos tabloides nacionais, buscaram evidenciar, a princípio, os parlamentares envolvidos nas comissões e os posicionamentos políticos a que aderem, a eleição de escolha para presidente e vice-presidente da comissão, o perfil dos membros titulares que compunham o processo, o principal desafio

a ser enfrentado nas investigações considerando o contexto que levou a instalação da comissão e o alvo inicial das investigações. Ainda sobre os parlamentares envolvidos, reforçaram a função dos Senadores Renan Calheiros e Omar Aziz, bem como seus discursos, argumentos e ações iniciais na abertura da CPI e as tentativas falhas de impedimento na participação de Renan. Acentuaram a composição da CPI de minoria governista e maioria da oposição, tal como as reações dos políticos bolsonaristas, principalmente de Flávio Bolsonaro e a tentativa de defesa antecipada dos erros cometidos pelo governo e de burlarem o inquérito. O único ponto positivo apontado pela mídia como positivo nas investigações discorre sobre os repasses federais aos Governos Estaduais, numa tentativa de isentar a culpa sobre o uso do erário público, mas ainda assim gerando ameaças e ataques por parte do Planalto e reações de Bolsonaro, que se insere numa crise política e partidária após constantes conflitos com os governadores dos estados. Ademais, salientaram as diversas ações já realizadas pelo judiciário e pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Pacheco.

Na mídia internacional, também reforçaram sobre as funções da CPI, os alvos na investigação, quais os impasses encontrados para a realização desta, a composição da comissão e o posicionamento político deles, a dualidade governista x opositorista, os membros titulares e as funções de cada um, assim como as tentativas de impedimento da participação de Renan Calheiros, os discursos durante a abertura da CPI de Calheiros e Aziz e as ações já adotadas pelo judiciário e legislativo. Bem como exposto pela mídia brasileira, também consideraram as reações adversas a comissão, como a de Flávio Bolsonaro e o posicionamento do próprio presidente e de seus assessores. Para mais, o momento que foi apontado como um período de crise política e partidária, foi colocado dentro de um contexto caótico da pandemia, desde dados alarmantes, um sistema hospitalar colapsado, troca frequente de Ministros da Saúde até a baixa popularidade de Jair Bolsonaro, declaradamente negacionista e as possibilidades de *impeachment* (em que, detalhadamente, explicaram como ocorre o processo no Brasil e lembraram o impedimento do ex-presidente Collor). Por fim, além de se referirem ao parecer da imprensa brasileira, apresentaram falas de especialistas sobre o assunto e descreveram os estudos científicos como fonte de acusação contra o presidente.

As manchetes nacionais discorriam sobre a derrota de Bolsonaro com a instalação da CPI, a presença de apenas uma minoria governista, a participação de Renan Calheiros, o Planalto “em ataque” e uma apresentação geral da Comissão. Internacionalmente, destacaram a situação da pandemia, a participação do Congresso nas

investigações, a visão de um possível golpe para Bolsonaro e a forma como ele conduziu a pandemia e a participação de Calheiros.

As imagens associadas ao período, no Brasil, foram de Bolsonaro em entrevistas, fotos individuais dos senadores Renan Calheiros, Omar Aziz, Randolfe Rodrigues e Ciro Nogueira, também colocaram a viagem de Bolsonaro a Manaus, a participação de Rodrigo Pacheco em uma reunião virtual. Para fins descritivos, colocaram um infográfico com informações sobre os membros e suas respectivas funções na CPI. A imprensa internacional utilizou de fotos de uma manifestação contra Bolsonaro e seu comando na pandemia, tal qual colocaram uma imagem do presidente com seus apoiadores e outra de Renan Calheiros. Sobre a pandemia, agregaram a foto de um bebê infectado com o vírus, várias covas em um cemitério de Manaus e outra de homenagens e orações para vítimas da COVID-19.

Em maio de 2021, protestos contra a gestão do governo Bolsonaro tomaram conta de todo o país e foram destaque na mídia. Nos jornais brasileiros, abordaram a dimensão nacional das manifestações que ocorreram em diversas cidades ao redor do país com a participação direta de sindicatos, movimentos sociais e partido de esquerda na organização e de torcidas organizadas de futebol com o intuito de criticar, principalmente a forma como o governo tem conduzido a pandemia no país e apoiar a CPI da COVID. Os noticiários criticaram o fato de a manifestação ter sido presencial, gerando aglomerações no período em que o país estava passando pela segunda onda de COVID e o sistema hospitalar estava já colapsado, ainda assim, destacaram a adesão muito grande ao uso de máscaras individuais, bem como a distribuição gratuita do material e outras ações solidárias durante as passeatas.

Ainda sobre esse assunto, consideraram o debate sobre aqueles que defendiam o isolamento social, portanto, aqueles que mesmo apoiando os motivos pelos quais levaram as pessoas as ruas, mas não apoiavam a manifestação ter acontecido presencialmente contra aqueles que convocavam o maior número de manifestantes presentes. Também pontuaram a presença de importantes figuras políticas da esquerda, como Guilherme Boulos e a presidente nacional do Partidos dos Trabalhadores, Gleisi Hoffman, assim como da vereadora recifense Liana Cirne (PT) que foi agredida pela Polícia Militar do Pernambuco durante os atos de protesto. Para variar, a PM, de uma forma geral, foi apontada como uma agente de pouco impacto nas manifestações, deixando inclusive de realizar a tradicional contagem de pessoas, sendo lembradas em “casos isolados” de repressão policial.

Os tabloides buscaram considerar que o presidente Bolsonaro ainda se encontra distante de um processo de *impeachment*, mesmo com uma quantidade considerável de pedidos protocolados e dessa forma, o mesmo, assim como seus aliados reagiram com deboche aos atos. Relembrou as inúmeras participações do Chefe do Executivo em aglomerações ao longo do período de pandemia, replicando seu discurso negacionista e nesse contexto, incluíram as manifestações de 29 de maio contra o presidente pelo fato da tentativa de um processo de impedimento para que elas ocorressem pelo Ministério Público de Pernambuco, além de interpretarem os atos como uma resposta aos motins pró-Bolsonaro ocorridos anteriormente. Ainda destacando a realização das manifestações em cada capital e cidades do interior, além de outros países, salientaram os discursos a favor da campanha de vacinação, prorrogação do pagamento do auxílio emergencial e outras pautas sociais num conglomerado que também defendia os Movimentos “Lula Livre” e “Marielle Presente” apesar da esquerda brasileira estar constantemente dividida.

Na imprensa internacional, destacaram a dimensão nacional das que foram consideradas como as maiores manifestações desde o começo da pandemia, que criticavam a liderança do presidente de extrema direita Jair Bolsonaro durante esse período caótico no país e no mundo, desde os discursos negacionistas as intensas aglomerações provocadas por ele, exigindo agilidade nos processos de *impeachment* e a necessidade de responsabilização criminal do presidente que sofria, no momento, sua maior crise de governo, influenciada sobretudo pela instauração da CPI da COVID. A organização das manifestações foi atrelada aos sindicatos, movimentos sociais e partidos de esquerda, realçando a liderança do ex-presidente Lulas nas pesquisas para 2022 e a consequente desaprovação de Bolsonaro, tido como amedrontado a potencial vitória do candidato petista no próximo pleito eleitoral. Como de praxe, informaram o número de mortes pelo vírus no Brasil, além de divulgarem o caso de represália policial contra a vereadora do PT e o posicionamento de políticos de esquerda sobre o caso.

As manchetes nacionais abordaram sobre a dimensão nacional e a presença de milhares de manifestantes nos protestos que foram realizados em meio a pandemia, além das motivações para a realização dos atos, como críticas diretas ao governo e pedidos de vacinação em massa. Internacionalmente, os destaques ficaram para a presença de milhares de pessoas, a liderança da esquerda nas manifestações que demandavam *impeachment* e responsabilização de Bolsonaro sobre o caótico comando da pandemia.

Nas imagens dos jornais brasileiros, apresentaram as fotos dos protestos em todo os país, diversos manifestantes usando máscaras, placas como pedidos de vacina,

*impeachment*, assim como as frases: “Bolsonaro Genocida”, “Fora Bolsonaro” e “Movimento Anti Fascista”. Na imprensa internacional, além das fotos dos protestos de maneira geral, focaram na participação de familiares de vítimas da COVID, a rejeição a imagem de Bolsonaro pelos manifestantes que chutavam uma falsa cabeça com a representação do presidente e de placas com o dizer: “Lula Livre” e um gráfico para remeter a situação do país de maneira mais didática.

FIGURA 7 – Manifestação contrária a Bolsonaro



FONTE: O Globo (2021)

FIGURA 8 – Manifestantes chutando uma cabeça de papelão em representação ao presidente Bolsonaro



FONTE: The Guardian (2021)

Em junho de 2021, o país ultrapassa a infeliz marca de 500 mil mortes contabilizadas pelo vírus da COVID-19. Com isso, os noticiários brasileiros comparam o período com genocídios que ocorreram ao longo da história, reiterando que apesar da comparação, ainda não se deve considerar a situação do Brasil com um genocídio. Além disso, ouviram a opinião de especialistas que falaram sobre a expectativa de redução (não imediata) no número de mortes com o avanço da campanha de vacinação e a previsão de mortes caso não haja essa esperada queda. Abordaram, como de costume, as irresponsáveis ações do governo negacionista nesse período, que sofre constantes acusações de genocídio e manifestações populares contrárias.

Ademais, culpabilizaram, em parte, a população pelo otimismo de que a obscura situação iria melhorar em breve pois, nessa lógica, as pessoas reduziam os cuidados necessários para evitar a proliferação do vírus. Apesar disso, pontuaram quais as dificuldades legais encontradas para incriminar o presidente como genocida e que dessa maneira o termo seria banalizado. Reportaram para as dificuldades nas compras das vacinas (divulgando a pequena porcentagem dos totalmente vacinados) e que assim, retardariam a resposta imunológica necessária. Enfatizaram a subnotificação dos dados da pandemia e a consequente contagem feita pelo consórcio de imprensa, além de simularem o pior cenário da pandemia no país e qual seria o número de mortes evitáveis caso o Governo Federal tivesse tomado atitudes mais prudentes e quais seriam essas ações. Reforçaram as tentativas de controle da pandemia pelos governadores estaduais, apesar da drástica diminuição dos dados de isolamento no país e as ineficientes ações econômicas para influenciar a população de respeitarem os decretos de *lockdown*, comparando toda a situação com outros países. Frisaram a insuficiência do Sistema Único de Saúde e a resistência do próprio presidente em aderir a campanha de vacinação, marcando desde os processos de compra, ritmo de aplicação e previsões ideais.

Nos tabloides internacionais, o destaque ficou para o fato do Brasil ter sido o segundo país a alcançar a marca, atrás apenas dos Estados Unidos. Divulgaram o depoimento de familiares de vítimas de COVID, abaladas mentalmente, sobretudo pelas vítimas terem sido, no caso daqueles divulgados pelo noticiário, pacientes do colapsado sistema hospitalar, que por exaustão não conseguiu manter as vítimas com vida. Reportaram para a subnotificação de dados em vários países ao redor do mundo e a adoção de novas metodologias para a contagem de casos e óbitos com intuito de dar maior transparência para a real situação, ações estas que não foram adotadas pelo Brasil que ainda conta com um grande número de mortos por sequelas do Coronavírus e que, por

consequência, não entram na contagem oficial dos casos. Reforçaram a realização da CPI para investigação da omissão do governo federal durante a pandemia, ao mesmo tempo que diversas manifestações ocorriam em todo o país contra Bolsonaro, o acusando de genocida (e também a favor do governo), enquanto o ex-presidente Lula avança para a ganhar as eleições de 2022. Realçaram a lenta campanha de vacinação no Brasil, em contraponto, apontaram para o legado que ficará com o acelerado ritmo de fabricação de vacinas, referenciando para o fortalecimento do sistema público de saúde durante o surto da gripe espanhola. Ainda sobre a pandemia, divulgaram os dados coletados pelo consórcio, apontando para uma possível nova onda e a detecção de novas variantes do vírus e o posicionamento do Ministro da Saúde diante do meio milhão de mortos.

Os títulos nos noticiários de circulação nacional destacaram a quantidade de óbitos, o fato da situação ser comparável com genocídios e a necessidade de adoção de medidas para além da campanha de vacinação. No exterior, as manchetes além de divulgarem o número de mortos, reforçaram que este era apenas o segundo país a alcançar esse patamar e, por fim, enfatizaram os protestos contra o presidente.

Nas imagens que foram divulgadas pelos jornais brasileiros, anexaram fotos de cemitérios, covas e coveiros em referências as mortes, pessoas vivendo em extrema pobreza, referências ao holocausto, uma foto do epidemiologista entrevistado e, por fim, um mapa do país que demonstrava a incidência em cada região. Nos jornais internacionais, divulgaram um memorial feito para vítimas de COVID, familiares de mais vítimas que prestaram depoimento ao jornal e das manifestações contra Bolsonaro, com destaque para cartazes com acusação de genocídio e com o número de mortes.

Em julho de 2021, o presidente Jair Bolsonaro passou por uma série de procedimentos médicos e internações após o diagnóstico de uma obstrução intestinal. Na imprensa nacional, informaram o quadro médico e uma possível cirurgia de emergência, a depender do estado de saúde do Chefe do Executivo. Assim, recapitularam os históricos médicos e atendimentos que o presidente passou desde o momento da facada em Juiz de Fora (MG) e a respectiva cirurgia após o ocorrido, ainda em campanha eleitoral em 2018 até o presente momento. Ressaltaram a falta de apoiados ou manifestantes no hospital que o presidente se encontrava, mesmo com a transferência de Brasília a São Paulo. Divulgaram o comunicado oficial da Secretaria de Comunicação sobre o acontecimento e o posicionamento de Bolsonaro nas redes sociais, que apesar da trégua no discurso radical e de ataque aos demais poderes, manteve a crítica ao PT e PSOL que, como ressaltado pela mídia, ainda politiza a facada mesmo que as investigações tenham

isentado os partidos a quais o presidente ataca. Na ocasião, informaram o cancelamento da agenda oficial do Executivo, principalmente a reunião com os chefes dos demais poderes após Bolsonaro ter se contido nas declarações golpistas, sobretudo na defesa do voto auditável, também reiteraram os compromissos do vice-presidente Hamilton Mourão em outros eventos e o contexto político da baixa popularidade do presidente nas pesquisas e o avanço da CPI da COVID. Por fim, publicaram as declarações da família e da equipe presidencial sobre o estado de saúde de Jair, o tratamento previsto, os sintomas anteriores publicamente notáveis e a crença popular que Bolsonaro, na época, informou para seus aliados como cura de seu problema e uma explicação médica sobre o problema de saúde.

Nos jornais internacionais, também informaram quadro médico, possível cirurgia de emergência, referenciando para o procedimento pós facada de 2018 e outros atendimentos médicos, o comunicado oficial da Secretaria de Comunicação, bem como a declaração da família e equipe sobre o estado de saúde do presidente e recapitularam os sintomas anteriores que Bolsonaro havia apresentado publicamente, além da explicação médica sobre o problema de saúde. No mais, a mídia do exterior descreveu a imagem de Bolsonaro divulgada no hospital, enfatizando a presença de um padre no hospital, além de salientarem a crise no governo com a baixa popularidade nas pesquisas do presidente de extrema direita e negacionista mesmo após ter sido infectado pelo vírus, divulgando os dados alarmantes da pandemia no país. Assim, apontaram para as piores previsões eleitorais para Jair em 2022, lembrando da possível vantagem eleitoral com a facada em 2018 e desassociaram o episódio com o atual problema de saúde do presidente, ao contrário do que o próprio vem considerando.

Os títulos em julho de 2021, na mídia nacional relatam sobre a ida de Bolsonaro até o hospital, informam o quadro médico do presidente, o cancelamento da agenda oficial e a possível cirurgia de emergência. Nos tabloides internacionais, abordam o quadro médico, assim como a possível cirurgia de emergência a qual o presidente pode se submeter e reiteram os persistentes sintomas que ele vinha apresentado anteriormente.

As imagens que constavam nas notícias de circulação nacional foram de Bolsonaro durante um evento oficial, do presidente em hospital em 2019 e em 2021 e também dele em ato público junto de aliados. No exterior, as fotos eram de Bolsonaro no hospital em 2021, da ambulância que o levou até o hospital e do presidente em uma conferência como imagem meramente ilustrativa.

Em agosto de 2021 ocorreu um desfile de veículos blindados na Esplanada dos Ministérios em Brasília e contou com a participação do presidente Bolsonaro, que na



ocasião foi convidado para um evento militar. O desfile ocorreu no mesmo dia da votação que prosseguiria com a PEC do voto impresso. Nos noticiários nacionais, destacaram o envolvimento de Bolsonaro no desfile, desde sua presença até o apoio para que o evento ocorresse, além de terem especificado os veículos presentes no momento e como tudo ocorreu, como por exemplo o local por onde os carros passaram. Caracterizaram o desfile como uma estratégia bolsonarista para demonstrar força, pressionar os poderes Legislativo e Judiciário e politizar o uso das Forças Armadas, ao mesmo tempo em que ocorria a votação da PEC do voto impresso, enquanto o Governo Federal passa por um período de baixa popularidade. Apesar disso, consideraram o ponto de vista dos próprios aliados que consideraram o desfile inoportuno, já que, em tese, não houve nenhuma alteração política significativa com a ocorrência do ato militar, que também foi desaprovado pelas própria Forças Armadas.

Além disso, reiteraram a crise entre Bolsonaro e o poder judiciário, ainda assim, autoridades do judiciário e legislativo foram (através das redes sociais) convidadas para assistir, presencialmente, a apresentação dos veículos e, embora não tenham participado, outras autoridades aliadas ao governo, como ministros e secretários, estavam presentes (todos sem máscara) e também apoiadores do presidente, que carregavam com si materiais em defesa de intervenção militar. Não obstante, Rodrigo Pacheco e Arthur Lira se manifestaram contra o evento, assim como outras importantes figuras políticas demonstraram insatisfação com o desfile, como o ex-presidente Lula que lidera as pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2022. Outrossim, citaram a detenção de um manifestante, associado ao Partido dos Trabalhadores. Ademais, apontaram para a suposta coincidência de datas da ocorrência do desfile com a votação da PEC do voto impresso (que foi explicado detalhadamente sobre o que se tratava) e do propósito principal da cerimônia, que seria a entrega direta de um convite para o presidente participar do evento militar Operação Formosa, sendo a primeira vez que ocorreria desta maneira. Por fim, frisaram a tentativa da oposição de tentar impedir a realização da solenidade.

Nos jornais internacionais, frisaram para a raridade do desfile militar que contou com a presença de Bolsonaro, ridicularizado ao ser atrelado ao termo “República das Bananas”, numa estratégia desastrosa de demonstrar força num momento de baixa popularidade do governo, responsabilizado pelo comando caótico durante a pandemia e liderança de seu principal opositor, Lula, nas pesquisas de intenção de voto. Também reiteraram que cerimônia ocorreu no mesmo momento da votação da PEC do voto

impresso, após o presidente ter proferido diversos comentários e ataques anti-democrático em circunstâncias anteriores. O desfile, que foi considerado um fiasco ao não atingir seu propósito inicial, também foi criticado pela situação precária dos veículos que compunham a frota e ainda foi apoiado por aliados do presidente, em destaque para o uso da foto de outro evento, que ocorreu no exterior, para exaltar o desfile do Brasil.

Outrossim, frisaram a opinião de especialistas políticos e os posicionamentos desfavoráveis de figuras políticas, tanto de esquerda como de direita, sobretudo pela tentativa pela esquerda, no judiciário, de impedimento da realização da cerimônia. Reforçando a tensão institucional gerada entre o Executivo e o Judiciário, abordaram as anteriores ameaças anti-democráticas proferidas por Bolsonaro, apontado como ultraconservador e atrelado a Donald Trump e suas respectivas acusações de fraudes nas eleições americanas de 2020, apesar disso, sublinharam o apoio dos Estados Unidos ao atual sistema eleitoral brasileiro e, ainda assim, o país foi comparado com outras nações não democráticas partindo da atual circunstância política. Por fim, o desfile, que supostamente coincidiu com a votação da PEC, foi citado como a desculpa para entregar um convite para o presidente participar de um evento militar sob a presença de autoridades e apoiadores, estes pedindo intervenção militar.

Nos títulos dos noticiários do Brasil, falaram sobre a participação de Bolsonaro, sobre a duração de 10 minutos do desfile, o mesmo momento que acontecia a votação da PEC e a participação de seguidores bolsonaristas clamando por intervenção militar. No exterior, as manchetes dissertavam sobre as críticas sofridas pelo desfile, reiteraram o termo “República de Bananas de Bolsonaro”, sua respectiva participação no desfile, o tom intimidador do evento e os ataques ao sistema eleitoral brasileiro pelo presidente.

Nas imagens anexadas as reportagens nacionais, divulgaram a presença de Bolsonaro e aliados do governo, os veículos que desfilarão (sob vários ângulos), o momento em Bolsonaro recebe o convite e uma foto do presidente e outras autoridades, que incluía o vice-presidente Mourão, fazendo continência ao chefe do Executivo brasileiro. Internacionalmente, as imagens também eram dos carros blindados sob vários ângulos, de Bolsonaro com seus aliados fazendo sinal de aceno, de seus apoiadores, assim como das bandeiras em apoio ao presidente durante o desfile. Não obstante, publicaram uma foto quando um militante do PT foi detido no momento em que expelia fumaça vermelha como protesto, assim como, veicularam uma foto do ex-presidente Lula e de uma urna eletrônica, em referência a citação sobre o sistema eleitoral do país.

Em setembro de 2021, diversas manifestações a favor do presidente Bolsonaro aconteceram em todo o país e foram destaque na mídia nacional e internacional. No Brasil, os jornais ressaltaram a presença de milhares de apoiadores em todo o país, sobretudo em Brasília e São Paulo, onde o presidente discursou e atacou verbalmente Luiz Fux, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e Alexandre de Moraes, também ministro do STF e responsável por encabeçar investigações contra aliados do presidente, principalmente em relação a propagação de *fake News* e por expedir mandatos de prisão contra eles. Consequente, ambos se manifestaram em defesa da democracia e repúdio aos atos. Como a mídia salientou, o alvo dos protestos era o STF, o que consequentemente, havia diversos cartazes e outros materiais com dizeres antidemocráticos que enfatizou a crise institucional outrora instalada e já acalorada com o constante apoio ao voto impresso pela ala governista.

Ademais, em seu discurso, que foi acompanhado por autoridades do governo e divulgado online posteriormente, Bolsonaro enfatizou sua resistência a sair do cargo de presidente ou mesmo a aceitação de uma possível prisão e agradeceu todos os apoiadores que estavam presentes, que não superou as expectativas de público previstos pelos organizadores. Além disso, os jornais divulgaram que as pesquisas de opinião têm demonstrado maior apoio da população a democracia e menos aprovação ao próprio governo federal, que por sua vez enfrenta uma crise energética, altas inflações e outros contextos caóticos levando o presidente ao isolamento político. Outrossim, abordaram qual seria o comportamento ideal esperado por Bolsonaro para o dia das manifestações, que ocorreram no 07 de setembro que é o dia da Independência do Brasil e enfatizaram a convocação da possível reunião do Conselho da República com os chefes do Legislativo e Judiciário e outros, embora não tenha havido um convite formal para tal. Não obstante, o presidente voltou a atacar os governadores, em que comparou as políticas de prevenção do coronavírus adotadas pelos chefes estaduais como uma ditadura e foi associado com o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Os manifestantes bolsonaristas ainda invadiram o espaço público que vinha sendo protegido pela polícia do Distrito Federal, quebrando as barreiras de proteção e adentrando com os veículos na área anteriormente proibida para tal ação. Por fim, reforçaram que frente a diversas declarações golpistas anteriores proferidas pelo presidente, ainda há um contexto brasileiro com maior dificuldade para um possível golpe, mesmo que no discurso de Bolsonaro, eles tenham elencado potenciais crimes cometidos pelo chefe do Executivo durante o ato.

Na mídia internacional, a ênfase ficou com a presença de milhares, em todo o Brasil, de manifestantes a favor do presidente “populista de extrema direita” e adepto ao movimento pró-armas, enfatizando a referência as armas por aliados e as ameaças de fuzilamento a políticos e membros do judiciário proferidas pelos apoiadores que foram entrevistados, o ataque aos governadores estaduais e o constante material antidemocrático presente nas manifestações. Bolsonaro, a quem se expressa por meio de um discurso radical e que ofereceu uma resposta caótica e anticientífica no comando da pandemia, foi apontado pela baixa popularidade nas pesquisas de opinião e pela tentativa desesperada de ressuscitar a reputação decadente, segundo a oposição, que consta com o ex-presidente Lula, atual líder nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2022 e quem teve suas condenações anuladas e seus direitos políticos retomados.

Ainda mais, reforçaram o discurso de Bolsonaro, que esteve presente nas manifestações e os ataques ao judiciário, principalmente após a defesa do voto impresso e episódios de prisão de aliados bolsonaristas por intermédio do ministro Alexandre de Moraes, relator de investigações que atingiram diretamente a ala governista. Desta maneira, repercutiram a apreensão sobre o futuro político no país governado por um presidente aliado com Trump, frisando o interrogatório de horas, ainda no aeroporto, com o ex-assessor do presidente norte americano após encontro com Bolsonaro. E o impacto no mercado com o evidente descontentamento de executivos e investidores. Não obstante, acentuaram o ataque a jornalistas por manifestantes e a proteção policial reforçada a membros do judiciário e o manifesto de diversas autoridades repudiando os atos. Apesar disso, destacaram o alinhamento da Polícia Militar com Bolsonaro. Por fim, publicaram as opiniões de especialistas político sobre a atual conjuntura.

As manchetes nacionais abordaram o fato de Bolsonaro ser alvo de investigações, as constantes ameaças ao Judiciário e Congresso, o discurso em resistência a saída do cargo e sua consequente presença nos atos. Na mídia internacional, o destaque ficou para as manifestações como contexto para tomada de poder, a posição de risco que o Brasil se encontra, a presença do que foram chamados de “fanáticos” e os discursos com incitação a golpes e fuzilamento.

As imagens que constavam nos noticiários nacionais eram das aglomerações de pessoas nas ruas de Brasília e São Paulo, os cartazes com teor antidemocráticos, Bolsonaro durante seu discurso, assim como com a presença dos manifestantes. Enfatizaram um dos aliados com roupas e pinturas corporais em referência ao militante Trumpista durante ataque ao Congresso estadunidense e, por fim, uma foto dos chefes

dos poderes juntos em alusão a crise institucional já instaurada. As fotos nas reportagens internacionais eram dos milhares de apoiadores nas ruas, individuais dos manifestantes que concederam entrevistas, ressaltaram um manifestante fazendo alusão a uma arma com as mãos enquanto estava por cima de um veículo militar e de Bolsonaro com os manifestantes, além de sua participação durante um desfile oficial.

FIGURA 9 – Manifestação a favor de Bolsonaro



FONTE: O Globo (2021)

FIGURA 10 – Manifestante bolsonarista fazendo alusão à armas



FONTE: The Guardian 2021

Em outubro de 2021, aconteceu a divulgação e leitura do relatório final da CPI após seis meses da abertura da comissão. Nos noticiários do Brasil, falaram sobre o tempo

de investigação de um semestre e o que seria o principal objetivo da comissão, nesse caso, responsabilizar o governo Bolsonaro pela liderança catastrófica durante a pandemia, em que foi lembrado os tristes dados de casos positivos e óbitos até o momento da leitura. Na ocasião, destacaram a acusação de nove crimes que o presidente teria cometido, sendo que ele foi citado cerca de 400 vezes e a conseguinte fase, que seria a votação do relatório no dia 26 de outubro e o repasse para a Procuradoria Geral da República que fica encarregada da responsabilização jurídica das acusações, partindo para um possível envolvimento do Ministério Público Federal, Tribunal Penal Internacional e Receita Federal. O relatório, que foi vazado momentos antes, propôs alguns projetos de mudança de lei e na Constituição e, em especial, teve como indiciados pessoas físicas e jurídicas, ressaltando a indicação de uma nova licitação para exclusão das empresas envolvidas e que ainda prestavam serviço para órgãos públicos e ressaltando o envolvimento da empresa Prevent Senior, principal responsável pelo estímulo ao chamado “kit covid” e a realização de teste sem devida autorização do paciente.

Outra condição apontada, foi a edição do relatório por Renan Calheiros que retirou alguns indiciados e crimes anteriormente atrelados, citando quem foi e quais foram, principalmente o recuo nas acusações de genocídio e homicídio por Bolsonaro e outro indiciamento de Flávio Bolsonaro, mas frisando que pelo menos 3 filhos do presidente ainda estariam indiciados por “incitação ao crime”. Apesar disso, destacaram para a resistência que Calheiros demonstrou para evitar possíveis engavetamentos do relatório. No mais, lembraram sobre o caos no Amazonas e a falta de atenção do relatório ao caso, por outro lado, sempre frisando e atribuindo o atraso e descaso na compra de vacinas ao Governo Federal. Sobre as figuras políticas envolvidas no caso, de maneira geral, abordaram a participação de Rodrigo Pacheco, desde a resistência em aprovar a abertura da Comissão até a colaboração para que tudo ocorresse com maestria e mais do que destacaram as diversas citações e acusação de Renan Calheiros a Bolsonaro, a quem acusou de ser o principal colaborador desta “monstruosa tragédia”. Já sobre os acusados, apontaram para o deboche de Flávio Bolsonaro e a o que seria a reação de seu pai ao saber sobre o relatório final e divulgaram a defesa de alguns dos acusados, seja através de uma assessoria jurídica ou pela manifestação direta.

Nos jornais internacionais, a abordagem sobre o assunto complementou que a CPI buscava responsabilizar as mortes por COVID-19 num relatório, ainda passível de alteração até o dia da votação e que durou 6 meses de investigação e amplamente divulgado pela mídia que, em resumo, abordaria a negligência, incompetência e

negacionismo do Governo Federal. Sobre a pandemia em si, destacaram o controle da doença através do SUS, sendo um dos sistemas de saúde mais bem vistos internacionalmente e compararam a situação brasileira frente a outros países. Já sobre o presidente Bolsonaro, frisaram a baixa popularidade que o líder de extrema direita vem passando ao passo que o ex-presidente Lula lidera as pesquisas para 2022 e a prisão de aliados de Jair, quem está imune a prisões enquanto presidente da República.

Sobre o Governo Federal, pontuaram a defesa e tentativa fracassada de imunidade de rebanho, a fabricação de cloroquina pelo Exército, remédio sem eficiência comprovada contra o coronavírus, o apoio dado a propagação de *Fake News* no decorrer da pandemia e o processo demorado na compra de vacinas enquanto o sistema hospitalar colapsava no Amazonas. Sobre o relatório final, focaram no que seria a alegação mais séria até agora: recusa na compra de vacinas, a acusação de nove crimes de Bolsonaro, o recuo nas acusações de genocídio e homicídio, o envolvimento dos filhos do presidente e da empresa Prevent Senior e todos os demais indiciados e, para concluir, o posicionamento em tom de deboche de Flávio e a passividade do procurador geral em relação a Jair, sendo assim um impasse para a responsabilização jurídica dos crimes.

Sobre a CPI em si, reforçaram os depoimentos de especialistas em saúde, membros do governo e de parentes de vítimas da COVID-19, no que foi considerado um dos momentos mais emocionantes até então, o televisionamento da comissão, o impacto moral na sociedade, o posicionamento de Renan Calheiros e a reação, quase que despreocupada de Bolsonaro sobre ser o principal alvo das investigações. Citando o lado político, mencionaram sobre o futuro incerto que o presidente do Brasil teria para frente e a resistência para o enfrentamento de um processo de *impeachment* além de relembrem que os três últimos presidentes também sofreram problemas jurídicos. Por fim, para além de exporem as opiniões de especialistas políticos, dialogaram sobre o vexame internacional da comitiva presidencial em Nova York, quando foram impedidos de ocuparem certos espaços pela falta de comprovação de imunização pela vacina e o já batido alinhamento com Trump.

Os títulos dos noticiários brasileiros destacaram sobre o indiciamento de Bolsonaro, seus filhos e aliados, a citação a fala de Calheiros sobre “a tragédia monstruosa” a que o presidente é culpado e também citaram nas manchetes alguns dos crimes pelo qual Jair foi acusado. Nos títulos internacionais, falaram sobre a acusação de homicídio em massa através da CPI e de crimes contra a humanidade.

Nas imagens dos jornais nacionais, constaram com o momento da entrega física do relatório, bem como a presença de Omar Aziz no momento e os malotes que os papéis se encontravam. Anexaram as fotos de parentes das vítimas enquanto prestaram depoimentos e de um painel com nomes de vítimas segurado por integrantes da CPI. Ademais, divulgaram o momento em que diversos senadores debatiam sobre o relatório num caloroso momento sem o mínimo de distanciamento social entre eles, de Bolsonaro em três momentos: com expressão de preocupação, autoritário e com seus três filhos que também foram indiciados. Além das fotos de Renan Calheiros e Luciano Hang, quando prestou depoimento na CPI e encabeçando uma galeria com várias fotos de outros depoentes. Nos jornais internacionais, as imagens eram de Bolsonaro em evento oficial, enquanto tossia, de sua participação durante um desfile militar, das manifestações contra seu governo, de apoiadores do ex-presidente Lula em protesto e para fins simbólicos, de um enterro de uma vítima de COVID.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já citado ao longo deste trabalho, a mídia tende a impor seus acentos valorativos nos seus discursos. (FETTER, 2020) Isto inclui desde as escolhas lexicais até a não transparência dessa linguagem sobre a questão ideológica que ela carrega, já que são nos pequenos detalhes em que é possível notar a posição ideológica de um jornal. (BOLOGNINI; MEGID, 2007)

Durante as análises de conteúdo das 120 reportagens que discerniam sobre o posicionamento do Governo Bolsonaro durante a pandemia, houveram momentos que a imprensa buscou destacar desde ao evidente negacionismo e defesa do tratamento precoce não comprovado cientificamente pelo presidente do Brasil, até ataques à imprensa, manifestações contrárias e a favor do Planalto, número de mortes e a constante crise humanitária que a pandemia de COVID-19 impactou no país até a interferência de outros poderes na liderança do Planalto, em destaque para a Comissão Parlamentar de Inquérito aberta pelo poder legislativo como forma de investigar as atitudes de membros do Governo que impactaram nos resultados catastróficos no país. Conforme o observado, os noticiários nacionais e internacionais convergem quando expõem o discurso negacionista, em defesa do tratamento precoce, a priorização da economia, o não engajamento ao isolamento social e a presença constante em aglomerações do presidente.



Assim, foi observado que os jornais de circulação nacional, apesar de adotarem um tom crítico com uma tendência mais negativa para a liderança do presidente Jair Bolsonaro, foram mais propensos a amenizar comportamentos autoritários do que os jornais internacionais, exceto quando o próprio presidente atacou verbalmente um repórter do próprio jornal que veiculou as notícias. E, apesar de enfatizarem a crise da pandemia no Brasil, não responsabilizaram unicamente o Planalto como influência para o alcance da situação caótica vivida no país, tão pouco a associação ao crime de Genocídio atrelado ao presidente por manifestantes e figuras políticas em todo o país.

Do ponto de vista político-eleitoral, apesar da quase impossibilidade de se passar despercebido a liderança do ex-presidente Lula nas pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais de 2022, houve pouco destaque para a situação se comparado com os jornais internacionais, que destacavam sempre que possível as previsões eleitorais para o pleito seguinte. Embora tenha havido uma convergência sobre a desaprovação do governo, notadas também pelas pesquisas de opinião pública. Outro ponto, foi o constante destaque a outros políticos, apontados como candidatos de uma possível terceira via, como o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, que teve seu próprio livro divulgado em uma das reportagens analisadas.

O que mais se evidenciou ao longo desta pesquisa foi a frequência com que a imprensa internacional colocava o presidente como uma figura pertencente a extrema direita, autoritário e antidemocrático, incluindo seus apoiadores que com frequência associam a retomada de uma ditadura militar e com apologias a armas. Além das diversas vezes em que foi associado ao ex-presidente norte americano Donald Trump. O que não foi notado pela imprensa nacional, que em nenhum momento associou Jair Bolsonaro a algum posicionamento do espectro ideológico, nem mesmo de centro-direita. Embora tenha sido notório que haja um destaque para a presença de políticos e movimentos sociais de esquerda no país. Ainda sob essa perspectiva esquerda-direita, os jornais do exterior apontavam a oposição como sendo majoritariamente ou, em alguns momentos, exclusivamente de esquerda. Um contraponto aos jornais nacionais que não estabeleceram essa posição.

Por fim, entende-se que existiu uma tendência a cobrirem de forma negativa o Governo Bolsonaro durante a pandemia tanto por parte dos jornais nacionais como dos internacionais. Mas também se evidenciou que, na imprensa internacional há um tom crítico mais pesado, expondo também o país numa imagem vexaminosa mundo a fora, principalmente quando comparado a outros países, em sua maioria das vezes da América

Latina, com o distanciamento do Brasil nas relações internacionais e associando o presidente Bolsonaro a famosas figuras ditatoriais e o colocando como um líder de extrema-direita, com seu principal opositor o ex-presidente Lula, que por sua vez é líder nas pesquisas de intenção. Assim, por sua vez, nos jornais nacionais há uma intenção de já estabelecer, indiretamente, possíveis nomes para assumir uma candidatura de terceira via, ao passo que o chefe do executivo brasileiro enfrenta conflitos internos, com governadores, mídia e manifestantes em todo o país contrários à sua administração.

Conclui-se que, sabendo que os jornais expõem seus valores nos seus enunciados, matérias, imagens etc, a imprensa nacional apesar de contrária ao presidente Jair Bolsonaro, tem buscado demonstrar que o país se encontra numa situação política e social que, apesar da pandemia, existem alternativas futuras para as constantes crises enfrentadas pela população ao tentar expor mais nomes como oposição ao atual governo, do que apenas do ex-presidente Lula. Enquanto a imprensa internacional aponta para um país que enfrenta um governo com arroubos autoritários do presidente, com recorrente ações relacionadas à atitudes antidemocráticas, sem muitas expectativas atuais para a saída, a menos com atuação de oposição da esquerda, legislativo e judiciário.

## 6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B; PRIOR, H. Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. Reino Unido. **Taylor & Francis Group**. V.01, n.01. jan. 2020.

BARTH, F. Mídia, Política e Pesquisas de Opinião Pública. **Revista Debates**. v. 01, n. 01, jul-dez. 2007

BOLOGNINI, C; MEGID, C. Mídia e Política: Entrecruzamentos discursivos. **Rua**. v. 13, n. 01, out. 2015.

BRITO, J. Relação entre mídia impressa e política na campanha governamental de 2010 no estado do Piauí. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2011.

CARVALHO,P; LIMA, A. Produção de sentidos e posicionamento político na mídia impressa brasileira. **Psicologia & Sociedade**. v. 32, N. 01, abr. 2020.

COHEN, J; TSFATI, Y. The Influence of Presumed Media Influence on Strategic Voting. **Sage**. V. 36, n. 03, jun. 2009.

FETTER, G. Discurso Anticientífico e COVID-19: Tensões entre política e Jornalismo. Crato. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**. v.09, out-dez. 2020.

GUAZINA, L. O Conceito de mídia na comunicação e na Ciência Política: Desafios interdisciplinares. **Revista Debates**. v. 01, n. 01. jul-dez. 2007.

GROLLA, G. O.; NISHIJIMA, M. A influência da mídia em resultados eleitorais: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 89, ago. 2019

HERSCOVITZ, H. Leading Newspapers in Brazil as Political Actors (1994-present). **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 30, n. 2, fev. 2020.

LIMA, V. Revisitando as setes teses sobre mídia e política no Brasil. **Comunicação & Sociedade**. v 30, n. 51, jan-jun. 2009.

MACHADO, C; KIRA, B; HIRSCH, G. News and Political Information Consumption in Brazil: Mapping the first Round of the 2018 Brazilian Presidential Election on Twitter. **Oxford University**. 2018.

MIGUEL, L. F. Mídia e Comunicação Política. In: AVELAR, L.; CINTRA, A. O. (org) **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 359-372.

OWEN, D. New Media and Political Campaigns. **The Oxford Handbook of Political Communication**. Jan. 2018.

Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 de março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/em-pronunciamento-bolsonaro-critica-fechamento-de-escolas-ataca-governadores-e-culpa-midia.shtml>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Brazil's Jair Bolsonaro says coronavirus crisis is a media trick. The Guardian, Reino Unido, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/23/brazils-jair-bolsonaro-says-coronavirus-crisis-is-a-media-trick>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Bolsonaro contrai coronavírus após minimizar pandemia. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 de julho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/bolsonaro-anuncia-que-contraiu-coronavirus.shtml>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

President Bolsonaro of Brazil Tests Positive for Coronavirus. The New York Times. Nova York, 07 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/07/world/americas/brazil-bolsonaro-coronavirus.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Dos 13 candidatos de Bolsonaro, só dois foram eleitos prefeitos. O Estadão, São Paulo, 15 de novembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-pode-se-tornar-o-presidente-que-menos-elegeu-prefeitos,70003515789>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Candidates backed by Brazil's Bolsonaro sink in local elections. Reuters, Reino Unido, 16 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-brazil-elections-idUKKBN27W0A6>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Governo Bolsonaro é alvo de manifestações em 21 capitais do país. O Globo, São Paulo, 29 de maio de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/governo->

[bolsonaro-alvo-de-manifestacoes-em-21-capitais-do-pais-25039974](#). Acesso em: 09 de junho de 2021

Tens of thousands of Brazilians march to demand Bolsonaro's impeachment. The Guardian, Reino Unido, 29 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/may/29/tens-of-thousands-of-brazilians-march-to-demand-bolsonaros-impeachment>. Acesso em: 09 de junho de 2021

Investigado, Bolsonaro faz ameaça golpista contra o Supremo e pressiona Fux. O Globo, São Paulo, 07 de setembro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/investigado-bolsonaro-faz-ameaca-golpista-contr-supremo-pressiona-fux-25187487>. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

Bolsonaro diehards take to streets of Brazil to urge firing squads and coups. The Guardian, Reino Unido, 07 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2021/sep/07/jair-bolsonaro-supporters-brazil-rally>. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

<https://oglobo.globo.com/>

<https://www.folha.uol.com.br/>

<https://www.estadao.com.br/>

<https://elpais.com/>

<https://www.latercera.com/>

<https://www.lanacion.com.ar/>

<https://www.clarin.com/>

<https://www.nytimes.com/>

<https://www.theguardian.com/international>

<https://www.washingtonpost.com/>

<https://edition.cnn.com/>

<https://economictimes.indiatimes.com/>

<https://www.indiatoday.in/>

<https://www.ft.com/>

<https://www.abc.es/#vca=logo&vmc=abc-es&vso=noticia.foto.internacional&vli=cabecera>

<https://apnews.com/>

<https://www.reuters.com/>

<https://www.bloomberg.com/>

<https://www.bbc.com/>